



**O NACIONALISMO CUBANO A PARTIR DOS POEMAS DE JOSÉ  
MARTÍ**

**Karen Daniela Pires**

Lajeado, dezembro de 2009

UNIVATES - CENTRO UNIVERSITÁRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E JURÍDICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**O NACIONALISMO CUBANO A PARTIR DOS POEMAS DE JOSÉ  
MARTÍ**

**Karen Daniela Pires**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em História, como exigência  
parcial para a obtenção do título de  
Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Mateus Dalmáz.

Lajeado, dezembro de 2009

## AGRADECIMENTOS

Uma das atitudes que enobrece o ser humano é o ato de reconhecer as gentilezas recebidas do outro. Considerando isso, gostaria de agradecer alguns seres generosos.

Início fazendo referências aos meus gentis familiares. Meus irmãos e minha mãe pela paciência, confiança, respeito e carinho de sempre. Aos meus tios fofos que em muitos momentos me acolheram como filha. Às primas que estiveram ao meu lado não apenas nesta trajetória, mas em tantas outras. Aos avôs que foram exemplos de sabedoria, humildade e responsabilidade.

Meus amados amigos que fazem da minha vida um acontecimento interessante. Obrigada, mil vezes obrigada. Posso afirmar que fazer o curso de história me proporcionou enormes conhecimentos, mas não foi só isso, também me presenteou com belas amizades. Adoro circular pelos corredores e cantos da Univates e encontrar a galera da história.

Faltam palavras para expressar o meu agradecimento à dedicação do meu orientador, professor Mateus Dalmáz. Nunca irei esquecer o cuidado e preocupação para com o desenvolvimento do tema proposto.

Quero mencionar agora os admiráveis mestres que tanto respeito e considero: Mateus Dalmáz, Maribel Girelli, Neli Galarce Machado, Luís Fernando Laroque e Silvana Faleiro. Que tanto contribuíram para minha formação profissional e pessoal.

Queria registrar também a atenção da professora Rosane Cardoso que gentilmente leu o projeto desta pesquisa e fez apontamentos importantíssimos.

À minha amada amiga Eloísa que auxiliou na configuração deste trabalho e trocou idéias a respeito do assunto analisado.

Muitas pessoas ouviram e discutiram a temática em questão, isso com certeza foi de extrema importância para a pesquisa. Agradeço a todos estes que não mencionei os nomes, mas que guardo comigo.



“Tiene el señor presidente  
Un jardín con una fuente,  
Y un tesoro en oro y trigo:  
Tengo más, tengo un amigo”.

(José Martí)

## RESUMO

Esta pesquisa aborda o nacionalismo cubano na obra “Versos Singelos” de José Martí. Desse modo, procuramos analisar a importância dos ideais nacionalistas de Martí para a concepção de “homem natural”. O estudo foi elaborado tendo como elemento principal os poemas e um suporte metodológico que trata da interpretação das fontes primárias a partir do contexto histórico de Cuba nos séculos XIX e XX e dos conceitos relacionados ao período. Utilizando-se desta fonte, buscamos salientar a relação entre história e literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nacionalismo – História – Cuba – José Martí.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Algema usada em José Martí.....	24
FIGURA 2 – José Martí .....	52
FIGURA 3 – Presente ganho por Martí na Venezuela .....	55
FIGURA 4 – Monografia de José Martí sobre a Guatemala .....	59
FIGURA 5 – Obra Amor com amor se paga escrita por Martí .....	64

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1 JOSÉ MARTÍ E A INDEPENDÊNCIA DE CUBA .....	20
1.1 O contexto do século XIX .....	20
1.2 Contexto das décadas de 1940 e 1950 .....	34
2 O PENSAMENTO NACIONALISTA DE JOSÉ MARTÍ .....	53
2.1 Estado, Nação e Nacionalismo .....	53
2.2 O Homem Natural .....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	66
REFERÊNCIAS .....	68

## INTRODUÇÃO

Sendo a poesia uma representação simbólica, onde versos se referem ao mundo, com pensamentos e palavras que buscam alcançar e permanecer no tempo, e estes em contato com as pessoas continuam se renovando e tendo diferentes significados, acredita-se que uma relação entre história e literatura pode ocorrer. Pois, tanto a história quanto a poesia são registros das atitudes humanas. A partir desta idéia surge a seguinte proposta: de que forma José Martí representa o nacionalismo cubano em suas poesias?

O objetivo aqui proposto é conhecer e analisar o nacionalismo cubano na obra “Versos Singelos”, de José Martí, partindo da contextualização histórica do país e da América Latina no final do século XIX, como também fazer uso do suporte-metodológico referente à literatura.

Este trabalho se justifica pela tentativa de compreensão de uma obra poética, pela história de um país, por uma trajetória de um homem que durante toda uma vida pensou e agiu para construir um mundo de liberdade, justiça, independência e paz, são elementos que se misturam e remetem ao cenário político de Cuba e da América Latina. Sendo a poesia uma representação simbólica, com o objetivo de atingir e comunicar uma verdade, dando origem a um valor moral, pode-se identificar a expressão de um povo e, neste caso, fala-se do poeta José Martí, que em versos representa a situação de sua pátria, a opressão, a submissão do homem e defende a luta, a união, a amizade, a terra, a educação, a natureza, a simplicidade. No entanto, o seu papel perante a sociedade, além de literário, foi de revolucionário. Acreditava no nacionalismo, no que era popular e lutava contra o formalismo. Defendia a

presença de um sentido moral na literatura, ultrapassando os limites burgueses da mesma. A sua revolução foi política e literária.

Um dos aspectos marcantes em sua poesia é a representação da condição de homem, aquele que enfrenta obstáculos e encontra a natureza que lhe é própria. Esta singeleza que é comum aos homens é expressa de forma intensamente pessoal por Martí. Falando de si, ele fala de seu povo, da identidade com outros indivíduos, via-se como um representante da nação. Sua poesia pode ser considerada heróica se relacionada ao heroísmo do homem comum, que se transforma em herói, porque não concorda com a humilhação de sua pátria.

Cuba e Porto Rico foram dois países latino-americanos que tiveram uma independência tardia e complicada. As grandes potências coloniais à procura de matéria-prima fizeram todo tipo de invasão e conquista pela América. Cuba sofreu principalmente com o domínio espanhol e depois com a presença norte-americana na Ilha, conseguindo consolidar-se como nação independente, somente quando os Estados Unidos tornou-se uma potência dominante.

A primeira guerra em Cuba pela independência durou dez anos, de 1868 a 1878, com líderes populares como o mulato Antônio Maceo e todos os seus irmãos e o general dominicano Máximo Gómez. No final do século é que conseguiram retornar o combate, liderados por José Martí. Este era um escritor, poeta cubano que desde jovem tinha participado dos manifestos em favor da independência. A segunda guerra teve início em 1895, onde os revolucionários foram comandados por Martí e os generais Máximo Gómez e Antônio Maceo. Apesar da morte de Martí em combate, logo após o desembarque, a invasão da região ocidental de Cuba aconteceu, houve a ocupação de grande parte do território e a organização do governo de uma Cuba independente. No entanto, como José Martí havia alertado, os Estados Unidos conseguiu controlar Cuba e Porto Rico, com a derrota e retirada da Espanha em 1898.

A história da América Latina, desde o começo com o colonialismo mercantilista, até o grande capital monopolista, foi marcada pela opressão política, econômica e

social. Na fase colonial, o continente produzia matérias-primas tropicais e minerais para os países ibéricos, recebendo artigos manufaturados. O trabalho era realizado pelos nativos e negros, estes foram os oprimidos. As mudanças externas internas eram superficiais, ficando o poder sempre nas mãos de uma classe privilegiada.

É propício neste momento apresentar algumas informações a respeito da vida de José Martí, envolvendo a família, a formação intelectual, a carreira política, as obras publicadas, enfim dados importantes que contribuem para o entendimento de seus escritos.

José Julián Martí Pérez nasceu em Havana, no dia 28 de janeiro de 1853, e morreu em 19 de maio de 1895, na batalha de Boca de Dos Rios, uma dos primeiros conflitos militares da revolução Independentista Cubana de fins do século XIX. Era o filho primogênito do casal Leonor Pérez e Mariano Martí. Ela, natural das Ilhas Canárias, e ele, de Valência (Espanha), os quais tiveram, depois, ainda sete filhas.

A atividade política de Martí nunca recebeu apoio dos pais que se posicionaram sempre contra sua atuação pró-independência de Cuba. No entanto, o relacionamento de Martí com a mãe foi sempre excelente. O pai era sargento e, além disso, realizava atividades diversas para compensar o baixo salário. Foi em função destas atividades paralelas, com idas do pai ao interior, que Martí conheceu a escravidão.

O poeta realizou seus estudos na *Escuela Superior Municipal de Varones*, de Rafael Mendive, no período de 1821 a 1886. Em 1868, a partir do Grito de Yara, teve início a primeira Guerra de Independência Cubana. Martí aderiu à causa independentista, mesmo sendo muito jovem, com apenas quinze anos. Publicou, então, o poema dramático *Abdala*, dedicado a sua mãe. Neste poema, o jovem Abdala deve defender sua pátria contra a agressão estrangeira, apesar dos apelos de sua irmã e de sua mãe em cujos braços irá morrer. Nesta poesia, ele revela a concepção de amor à pátria.

O colégio de Mendive, que Martí estudava, foi fechado em 1869, mesmo ano em que seu professor foi deportado. Tal episódio ocorreu em função do acirramento

da luta independentista que havia se transferido do terreno meramente político para o campo militar. O aluno Martí, por sua vez, foi preso e condenado a seis anos de prisão com trabalhos forçados. O pai argumentou junto às autoridades espanholas que o estado de saúde do filho era delicado. Conseguiu, então, que Martí cumprisse apenas seis meses de trabalhos em pedreiras em troca de sua deportação posterior para a ilha de Pinos (hoje *Isla de la Juventud*) e, na época, presídio político.

Da ilha de Pinos, Martí foi novamente deportado, agora para a Espanha, em 1871. No período em que esteve na ilha de Pinos, dedicou-se à leitura e estudo da Bíblia (Antigo e Novo Testamento) para publicar, na Espanha, no mesmo ano, a obra *El presidio político en Cuba*. Nesse momento, o jovem Martí transformou sua fé em força moral que perseguiu por toda a vida, com o espírito de liberdade, justiça e dignidade.

Ao chegar à Espanha já estava decidido a dedicar sua vida à causa da libertação do povo cubano e à instalação de um governo independente e democrático em seu país. Para aprimorar seus conhecimentos dará aulas e continuará seu bacharelado em Direito, Filosofia e Letras nas Universidades de Madri e Zaragoza. Teve, também, intensa atividade como articulista em periódicos espanhóis, sempre em defesa da Revolução Cubana. O tempo de Martí na Espanha terminou em fins de 1874, quando viajou para Veracruz, no México.

Tem início, então, os anos em que peregrinou pela América Mestiça, obtendo grandes aprendizagens, pois se defrontou com a realidade social, econômica, política e cultural de parte da América Latina. Apaixonou-se pelas magníficas culturas indígenas e percebeu que, além das belezas naturais, o continente era riquíssimo em suas tradições. E passou a refletir sobre as causas da instabilidade política e social na América Latina e as terríveis conseqüências do caudilhismo e do militarismo em seus países.

A partir destas experiências começou a elaborar propostas de reformas políticas, econômicas e sociais para o desenvolvimento das nações da América Latina. Propostas que surgiam do diagnóstico das necessidades fundamentais e das

contradições políticas, econômicas e sociais que precisavam ser superadas para que a autonomia nacional pudesse ser alcançada.

Em relação a isso, apresentou posicionamentos concretos, tais como obtenção de bom nível educacional para todos os cidadãos, desenvolvimento de uma economia agrária, busca da harmonia social e distribuição da riqueza como maneira de garantir a justiça social. Além disso, valorizou a organização dos operários, o direito de greve e a solidariedade dos trabalhadores como meio de se obter remuneração justa pelo trabalho. Defendeu, ainda, a exclusão da igreja de toda participação nas estruturas de poder político-social e da eliminação da educação religiosa nas escolas públicas.

No México, teve oportunidade de se reunir novamente com sua família que lá havia se estabelecido temporariamente e conhecer sua futura esposa, Carmen Zayas Bazán, com a qual teve seu único filho. Na capital asteca irá escrever para a *Revista Universal* e outros periódicos mexicanos, como, por exemplo: *El Socialista*, órgão do *Gran Círculo Obrero Mexicano*. Aproximou-se das lutas operárias mexicanas. Também traduziu *Meus Filhos* de Victor Hugo e compôs a obra teatral dramática *Amor com amor se paga*, que foi sucesso de público num teatro da cidade do México.

Martí abandonou o México em 1876, logo depois do golpe de Porfirio Díaz, que derrubou Lerdo de Tejada. Voltou a seu país, visitando, de forma semiclandestina, a cidade de Havana, usando seus segundo nome e sobrenome: Julián Pérez.

Em abril de 1877, transferiu-se para a Guatemala, onde exerceu as atividades de professor de Literatura inglesa, francesa, italiana e alemã e de História da Filosofia. Escreveu sua obra teatral *Patria y Libertad*, um drama no qual denunciou a cumplicidade da Igreja na exploração e miséria dos índios centro-americanos. Da Guatemala, em 1878, em carta ao amigo Manuel Mercado, comenta sobre as incompreensões de sua mãe quanto a suas atividades políticas.

Em meados de 1878, fazendo uso da anistia política concedida ao final da Guerra dos Dez Anos, decidiu regressar a Cuba. Começou a trabalhar como assistente em escritório de advocacia e retomou suas atividades políticas com plena intensidade. Falava claramente sobre suas convicções independentistas, inclusive na

presença de autoridades do governo colonial. Discutia a necessidade da independência política de Cuba e participou de atividades conspiratórias visando colocar em prática seus ideais. Mas, foi denunciado e novamente deportado para a Espanha, em setembro de 1879. Permaneceu somente dois meses entre os espanhóis, quando resolve continuar suas viagens pelos países. Em 1880, esteve em Nova Iorque e, em 1881, transferiu-se para Caracas. No segundo semestre de 1881, retornou a Nova Iorque, onde ficou até 1895.

Nos três primeiros anos nos EUA, dedicou-se à atividade política entre os imigrantes cubanos a fim de preparar a Guerra de Independência. Em 1884, participou das discussões preliminares acerca de uma tentativa de insurreição por parte de remanescentes da Guerra dos Dez Anos, no entanto, acaba desistindo depois de uma reunião com os chefes militares da insurreição. Martí se decepciona com a falta de horizonte político desses militares. O que o assustava era a possibilidade de Cuba ser arrasada pelo caudilhismo que se impunha nas nações latino-americanas durante o século XIX.

Em Nova Iorque, ganhava a vida como jornalista, escrevendo para mais de vinte jornais, tanto estadunidenses como sul-americanos. Entre os sul-americanos, pode-se mencionar o *La Nación* de Buenos Aires, o *La Opinión Pública* de Montevidéu, o *La Opinión Nacional* de Caracas e o *El Partido Liberal* da Cidade do México. Entre os jornais dos EUA, destaca-se: o *The Sun* e o *The Hour*, nos quais atuou também como crítico de arte e literatura. Além disso, traduziu obras para editoras de Nova Iorque e escreveu, em forma de cartas, as *Escenas Norteamericanas* e *Ismaelillo*, considerada a obra que dá início ao modernismo em língua espanhola, redigiu também, quatro números de *La Edad de Oro*, uma obra destinada a crianças com informações históricas, geográficas, cartográficas e da economia da América Latina.

Durante sua permanência em Nova Iorque, foi nomeado cônsul da Argentina, Uruguai e Paraguai nos EUA. Como representante do Uruguai participou da Primeira Conferência de Nações Americanas em Washington em outubro de 1889 e abril de 1890 e da Conferência Monetária Internacional Americana em abril de 1891. Nelas

reconheceu as intenções neocolonialistas dos EUA, os quais chamou de a *Nova Roma*.

A partir de 1887, Martí se reintegra à atividade política para iniciar campanha preparatória da guerra de independência de Cuba e Porto Rico, agora com uma concepção mais ampla: latino-americanista e anti-imperialista. Já havia alcançado consciência clara do caráter imperialista da política dos EUA e suas intenções neocolonialistas em relação às duas ilhas caribenhas e o restante da América Latina.

Em 1891, Martí escreveu *Nossa América*, a carta magna de seu pensamento latino-americanista. Nesta obra de forma metafórica ressalta a autoctonia da América que ele chama mestiça, resultado da mescla do europeu, índio e negro.

Martí irá fundar, em 1892, o Partido Revolucionário Cubano (PRC), sendo este o partido da revolução. Inaugurava-se, nessa parte do mundo, a idéia do partido como vanguarda revolucionária. Criava-se, pela primeira vez, na América, um partido político revolucionário pluralista e multiclassista para preparar, organizar e orientar uma guerra de libertação nacional que visava a uma república independente e democrática. O Partido possuía, também, um órgão oficial de divulgação, o periódico *Patria*. Nele e em outros órgãos de imprensa, Martí escreveu incessantemente para organizar a guerra de libertação e definir as diretrizes da nova república libertada.

Em 15 de abril de 1895, Martí foi nomeado *Mayor General del Ejército Libertador*. E, em dois de maio de 1895, escreveu uma carta aberta ao diretor do jornal *New York Herald* para explicar à opinião pública norte-americana as razões da guerra.

José Martí morre em 1895, no dia dezenove de maio, sendo surpreendido por uma patrulha espanhola depois de ter repassado ordem ao General Máximo Gómez para permanecer em retarguarda. A tropa cubana não conseguiu recuperar o cadáver que foi levado pelos espanhóis para ser exibido e depois enterrado em Santiago de Cuba, no oriente da ilha.

É a partir de tal biografia e dos escritos do autor, bem como levando em

consideração as diferentes conjunturas que o poeta vivenciou, que se busca responder a problematização desta pesquisa com a hipótese de que o nacionalismo de José Martí se manifesta a partir da defesa e da valorização do homem natural cubano, com seus valores originais ligados à natureza e às relações humanas, como amizade, lealdade, generosidade, bravura. O poeta acredita que o autoconhecimento dos povos americanos garantiria unidade, autonomia e liberdade na luta pela emancipação da nação em relação à tirania estrangeira, além de proporcionar o conhecimento das reais necessidades da população.

Os versos do poeta transmitem uma mensagem provocativa, agressiva, marcante, como foi a luta pela liberdade de seu povo. Porém, ao mesmo tempo, a suavidade, a delicadeza, a ternura e o carinho se fazem presentes. Suas palavras terão significado a quem acredita na lealdade e na bravura, pois foram escritas por alguém que idealizou, defendeu e praticou as suas verdades.

Para o desenvolvimento desta análise, são necessários alguns referenciais teóricos importantes. O primeiro deles tem a ver com a noção de história política elaborada pela chamada escola dos *analles*.

Conforme Peter Burke, ao transcorrer do tempo a história se fragmentou, ou seja, a história social se tornou independente da história econômica e a história política se dividiu e se expandiu. A partir dessas fragmentações os historiadores iniciaram novas abordagens a respeito dos fatos históricos que caracterizam as sociedades. Alguns pensadores classificam esta expansão e fragmentação da história da seguinte forma: “a nova história é a história como uma reação deliberada contra o 'paradigma' tradicional, aquele termo útil, embora impreciso, posto em circulação pelo historiador de ciência americano Thomas Kuhn” (Burke, 1992, p. 10).

A denominação da história como tradicional está relacionada à política, uma sociedade é analisada apenas pelo aspecto político, ignorando-se os elementos econômicos, religiosos e culturais. Partindo deste pressuposto de exclusão, que a história tradicional praticava, é que a nova história busca contemplar toda a atividade humana, acreditando que tudo pode ter uma história Burke escreve assim: “o que era previamente considerado imutável é agora encarado como um 'construção cultural',

sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço” (1992, p. 11).

Outro aspecto refere-se à escrita da história. Os historiadores tradicionais pensam na história como uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história preocupa-se com a análise das estruturas.

A história tradicional valoriza os grandes feitos, os personagens heróicos, cultuados pelas gerações, provocando dessa forma a divisão da sociedade, entre a glória de alguns e o fracasso da maioria. No entanto, este cenário está sendo modificado, através das novas abordagens feitas por historiadores intelectuais que buscam compreender a história dos discursos ou “linguagens”.

Outro fator determinante na história tradicional é a utilização de documentos oficiais, considerados as únicas fontes utilizadas na escrita da história. Segundo Burke: “os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial. Para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros necessitam ser suplementados por outros tipos de fonte” (1992, p. 13).

A compreensão do movimento denominado “nova história” necessita de um conhecimento que ultrapasse a crítica à história tradicional, mas que analise os movimentos de impacto na sociedade.

A escrita de uma história que tem como objetivo resgatar experiências da massa da população, denominada história vista de baixo, tornou-se algo atraente para muitos historiadores. Segundo o pensador Jim Sharpe:

Mas a importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história (1992, p.59).

Um dos propósitos que fazem parte dessa história vista de baixo é provocar naqueles que escrevem e lêem um sentido de identidade. Pois as identidades, as origens da maioria do povo vinculam-se as classes inferiores.

O historiador ao realizar a sua pesquisa irá fazer a contextualização para o entendimento dos diferentes aspectos que compõem uma sociedade. As formas simbólicas inserem-se em determinados contextos sociais. Segundo Thompson:

A inserção destas em contextos sociais implica que, além de serem expressões de um sujeito, essas formas são, geralmente, produzidas por agentes situados dentro de um contexto sócio-histórico específico e dotados de recursos e capacidades de vários tipos; as formas simbólicas podem carregar os traços, de diferentes maneiras, das condições sociais de sua produção (1995, p.193).

A recepção da simbologia pelo indivíduo terá uma interpretação de acordo com o contexto sócio-histórico em que ele estiver inserido, com os recursos e capacidades oferecidos pelo meio. Outro aspecto diz respeito aos processos de valorização, avaliação e conflito que envolve a simbologia, pois são aplaudidas e contestadas pelas pessoas que as produzem e recebem. O processo de recepção não é um processo passivo de assimilação, ou seja, acontece uma interpretação que provocará construções e desconstruções. Thompson diz:

Os indivíduos não absorvem passivamente formas simbólicas, mas ativamente e criativamente, dão-lhes um sentido e, por isso, produzem um significado no próprio processo de recepção. Mesmo uma manifestação verbal relativamente simples, trocada entre amigos num encontro casual, é tipicamente compreendida em relação a uma história contínua da qual este encontro faz parte. Ao receber e interpretar formas simbólicas, os indivíduos baseiam-se em recursos, regras e esquemas a eles disponíveis. Assim as maneiras pelas quais as formas simbólicas são entendidas e pelas quais são avaliadas e valorizadas podem diferir de um indivíduo para o outro, dependendo das posições que eles ocupam em instituições ou campos socialmente estruturados (1995, p.201).

A poesia pode ser considerada uma representação simbólica, o poeta faz uso da subjetividade para falar das mais variadas situações. Os seus versos em contato com o outro sofrerão novas interpretações; eles serão modificados, analisados de inúmeras maneiras e, neste momento, percebe-se que o autor ao publicar o texto deixa de ser o seu dono.

As poesias de José Martí serão analisadas a partir de três aspectos: a contextualização, análise do conteúdo da poesia e referenciais teóricos. Em primeiro lugar, é necessário conhecer a história do país em destaque, no caso Cuba, entender o seu processo histórico, identificar os elementos políticos, econômicos e culturais

que caracterizaram a luta pela independência. O conteúdo representado através dos poemas de Martí confirma o nacionalismo, a defesa e valorização do homem natural cubano, a liberdade, a luta pela emancipação da tirania estrangeira. Em função disso, pode-se analisar a situação que a população da Ilha estava vivenciando, e a posição ocupada pelo revolucionário José Martí perante ela. Os versos transmitem um sentimento verdadeiro, de alguém que amava a sua pátria, defendendo o oprimido, repudiando a escravidão do homem. Isso é possível de ser percebido se houver uma relação com o contexto histórico cubano e a história de vida de Martí.

Um aspecto importante neste desafio de interligar história e poesia se refere às teorias que contemplam de alguma maneira a concepção de simbologia e a escrita da história com suas novas perspectivas. Os poemas são uma representação simbólica de determinado contexto social. Alguns autores defendem esta idéia e argumentam sobre a relação entre criador e receptor das diversas formas simbólicas existentes. Outro fator relevante diz respeito à nova abordagem da história, onde se busca trazer para o cenário personagens até então ignorados pela sociedade, isto é, dar vez e voz a uma maioria que ao longo do tempo foi a sustentação de todo um sistema, e que continua sendo. É preciso entender os processos históricos, através de ângulos diferentes e não o da classe privilegiada. Enfim, acredita-se que a poesia, com sua subjetividade, pode contribuir na análise histórica de determinada realidade.

As referências a respeito de independência nacional e soberania são marcantes no discurso do poeta e revolucionário José Martí. A proposta deste trabalho é apresentar dois capítulos que contemplem acontecimentos importantes na história de Cuba, buscando uma aproximação com os escritos de Martí, principalmente com os poemas. O primeiro capítulo destaca dois contextos históricos, entre eles o final do século XIX em que ocorre a independência de Cuba em relação à Espanha, e a Revolução de 1959. O segundo capítulo irá explorar os conceitos em torno de Estado, Nação e Nacionalismo, estes sempre que possível serão relacionados com a obra de Martí e com o conceito de “homem natural”.

## 1 JOSÉ MARTÍ E A INDEPENDÊNCIA DE CUBA

A história da América Latina não seria tão instigante se não envolvesse os acontecimentos de um país em especial, me refiro a uma ilha chamada Cuba. O processo histórico singular do mesmo será analisado no transcorrer deste capítulo, e para isso delimitam-se dois contextos históricos distintos: o primeiro, no final do século XIX, em que a ilha obtém a independência da Espanha após duas tentativas; o segundo, no século XX, referente à ruptura entre Cuba e EUA a partir da revolução de 1959. Em ambos os contextos, vale frisar, a proposta do capítulo é relacionar as idéias nacionalistas de Martí com os eventos relativos à independência de Cuba tanto em relação à Espanha (quando Martí atua como um dos protagonistas) quanto em relação aos EUA (momento que os conceitos do autor reaparecem na história da ilha).

### 1.1 O contexto do século XIX

No período colonial, a América Latina teve contato com o mercantilismo e o catolicismo, os quais provocaram profundas mudanças na estrutura e no pensamento do novo mundo, em função dos interesses das potências ibéricas. Durante o século XIX, o cenário latino se deparou com o liberalismo, instrumento utilizado para acabar com a dominação ibérica e articular o continente ao capitalismo emergente. A dominação europeia provocou na América Latina a destruição e a subordinação dos povos. As palavras de José Martí são provocativas e sinceras em relação ao sofrimento vivenciado na América com a chegada dos europeus. No texto *Nuestra América*, Martí pergunta: *¿en qué patria puede tener un hombre más orgullo que en*

*nuestras repúblicas dolorosas de América, levantadas entre las masas mudas de indios, al ruido de pelea del libro con el cirial, sobre los brazos sangrientos de un centenar de apóstoles?* (*El Partido Liberal*. México, 30/01/1891, apud [www.cubaminrex.cu/josemarti/jmarti\\_nuestraamerica.htm](http://www.cubaminrex.cu/josemarti/jmarti_nuestraamerica.htm), acessado em 01/10/09).

Ao longo do tempo, diferentes sociedades sentiram em algum momento uma experiência de revolta e de luta contra um poder estabelecido. A Revolução Francesa de 1789 impulsionou muitos movimentos neste sentido e entre eles se insere o exemplo cubano. Cuba vivenciou em sua história a dominação estrangeira que atingiu a economia, a política e a estrutura social da ilha. As palavras do poeta e revolucionário José Martí representam a escravidão do homem, elemento este propício ao se mencionar o termo dominação:

*Yo sé de un pesar profundo  
Entre las penas sin nombres:  
¡La esclavitud de los hombres  
Es la gran pena del mundo (Cap. XXXIV, 1997, p.133).*

O poeta em palavras procura transmitir a angústia, a indignação, a lamentação pela condição de escravidão do homem, Martí como defensor da liberdade, faz uso da escrita para protestar.

A escravidão foi a base para a produção de açúcar em Cuba até as últimas décadas do século XIX. O processo de abolição ocorria em outros países, mas em Cuba o trabalho compulsório permanecia. A ilha iria eliminar definitivamente o escravismo em 1880. Algumas considerações podem ser feitas a este respeito:

Uma é analisar a abolição como um processo político, realizado em grande parte pela Espanha em resposta às pressões internas e externas que se levantavam contra a permanência da escravidão em Cuba muito tempo depois de sua extinção na maior parte do Novo Mundo. Outra maneira é considerar a eliminação da escravidão antes de tudo como uma tentativa de solucionar dificuldades no interior da economia açucareira, incluindo, como alguns especialistas têm sustentado, uma contradição interna crescente entre a rigidez do trabalho escravo e a necessidade de avanço tecnológico (Scott, 1991, p.24 e 25).

Cuba se destacou entre as ilhas açucareiras do Caribe pela numerosa população negra. Os escravos predominavam e excediam os brancos. A elite *criolla* que constituiu a sociedade cubana era formada por negociantes, varejistas ou

empregados do governo. Esta elite se desenvolveu em grande parte pelo avanço da economia açucareira do século XIX. De acordo com Scott, “os negociantes espanhóis também tinham se beneficiado com o crescimento econômico da ilha, tanto no papel de fornecedores de escravos e crédito como no de vendedores no mercado protecionista cubano” (1991, p.26).

A escravidão se matinha em função da união dos grupos dos plantadores que, mesmo endividados e desapontados com os comerciantes espanhóis, juntavam-se a eles para a defesa de seus interesses. Os senhores de engenho, no entanto, não participavam ativamente da economia açucareira.

A população negra livre da ilha correspondia tanto aos descendentes de escravos libertados em gerações anteriores como aos alforriados recentes. Assim, “a experiência da escravidão em si variou largamente no interior de Cuba, desde as cidades e vilas, onde os escravos preenchiavam uma extensa lista de ocupações, aos estabelecimentos rurais, cada um com suas características e ritmos de trabalhos distintos” (Scott, 1991, p.29).

O processo de produção do açúcar em Cuba ocorreu de uma forma variada. Existiam grandes empresas com centenas de escravos com produção de milhares de toneladas por safra, como também pequenas usinas com poucos escravos produzindo quantidades menores.

A escravidão esteve por longo tempo ligada ao poder hispânico. Durante décadas, a Espanha temia perder o apoio dos senhores de engenho e a dominação sobre Cuba. Em função disso lutou contra a abolição do tráfico de escravos. Somente em 1866 o governo espanhol incluiu o debate sobre a questão. Segundo Scott, “a reação dos representantes de Cuba revelou a ambigüidade do seu reformismo. Em teoria eles acreditavam numa extinção previsível e definitiva da escravidão, e até acreditavam na superioridade do trabalho livre. Mas insistiam que, no momento, a escravidão devia ser mantida a fim de impedir o colapso da indústria açucareira” (1991, p.52).

A emancipação gradual foi uma das sugestões apresentadas à comissão de

reforma que mais tarde seria a legislação espanhola. A proposta incluía a libertação de todas as crianças nascidas do ventre escravo, a libertação dos cativos com idade superior a sessenta anos, loteria para a compra de liberdade e tutela para os libertos. Porém, as medidas não foram aceitas pela maioria dos plantadores cubanos, que recuavam perante mudanças tão profundas no regime de trabalho e da estrutura social. O governo espanhol não queria conflitos com os plantadores e uma possível desestrutura da indústria açucareira. Dessa forma, as propostas permaneciam adormecidas.

A comissão objetivava uma extensa reforma administrativa e tributária, eliminando as obrigações alfandegárias sobre importações, representação nas Cortes e aplicação dos direitos da Constituição espanhola aos residentes em Cuba e Porto Rico. As reformas, contudo, não foram aceitas:

Os novos impostos, associados aos sentimentos antigos de nacionalismo, intensificaram a oposição aberta ao domínio espanhol entre alguns proprietários de terra, plantadores e profissionais na parte oriental da ilha. Embora a manutenção da escravidão não fosse a principal razão de queixa da maioria dos que se opunham à Espanha, a questão logo se enredaria com a luta contra o colonialismo na insurreição conhecida como Guerra dos Dez Anos (Scott, 1991, p.53).

A revolta contra o governo espanhol é declarada em dez de outubro de 1868, no *ingenio* Demajagua, em Manzanillo, parte oriental de Cuba, com Carlos de Céspedes e um grupo de conspiradores. Tal revolta "... canalizou razões de queixa acumuladas contra a orientação política e econômica da metrópole, sentidas de diversos modos em diversos setores" (Scott, 1991, p.63). Os novos impostos cobrados pela Espanha na década de 1860 oprimiam os pequenos trabalhadores de cana, pequenos lavradores e pequenos comerciantes. Alguns intelectuais, profissionais e outros que tinham participado de conspirações anteriores desenvolviam uma identidade *criolla* na região oriental, sendo que o líder, Céspedes, também havia tido contato com o ideário liberal proveniente da Europa, o que contribuiu para a luta contra a opressão espanhola.

Os acontecimentos desencadeados na parte oriental de Cuba conquistaram e envolveram a população cubana, em particular um cidadão, José Martí, que, ainda muito jovem, passou a se dedicar à causa revolucionária. Segundo Fernet Betancourt, "*en La Habana, el joven Martí no permaneció ajeno a los sucesos.*

*Impulsado por el amor patrio, se comprometió con la idea mambisa y se dedicó íntegramente a la actividad conspiradora que, meses más tarde, habría de costarle una acusación por ‘sospechas de infidencias’ (1994, p.10).*

Mesmo tendo sido condenado e preso, Martí continuou seus estudos na Espanha. Em relação à condenação a (Figura 1) expõe o objeto utilizado pelos espanhóis na prisão do revolucionário. Algum tempo depois, Martí partiu para outros países que contribuíram imensamente em sua formação político-ideológica:

*Por las experiencias de México y Guatemala, el Martí romántico cedió definitivamente el puesto al Martí analista. Su pensamiento no será un grito desesperado ni la expresión melancólica de una América mutilada, sino un canto de esperanza real y cierta que tiene su fuente en el indestructible espíritu rebelde de las masas populares (Betancourt, 1994, p.12).*

**FIGURA 1 – ALGEMA USADA EM JOSÉ MARTÍ**



A figura simboliza a condenação de Martí. Grillete impuesto a Martí durante su estancia en la Cárcel de La Habana. El mismo fue donado por María Mantilla en enero de 1953, fecha en que visitó nuestro país con motivo del centenario del nacimiento de José Martí<sup>1</sup>.

A oposição ao colonialismo espanhol não significava que todos os participantes concordassem com os objetivos da revolta. Alguns eram favoráveis à anexação aos Estados Unidos, outros queriam a independência. De acordo com Scott,

no início da revolta, Céspedes exigia emancipação gradual e com indenização. Seu ato de libertar os próprios escravos para participarem da luta, ainda que simbolicamente importante, juridicamente não se apresentava mais radical que o exercício do direito de um senhor libertar seus escravos (1991, p. 64).

<sup>1</sup> Fonte: [www.josemarti.cu/visitas/casa/PhotoViewer.html](http://www.josemarti.cu/visitas/casa/PhotoViewer.html), acessado em 23/11/09.

Os principais líderes da revolta não tinham um grande investimento econômico na escravidão como os plantadores da região ocidental, no entanto, respeitavam o princípio básico da propriedade de escravos. Em novembro de 1868, o líder Céspedes decretou pena de morte para aqueles que instigassem os escravos à rebelião. Para o movimento rebelde, a abolição viria depois do triunfo da revolução. Os grupos rebeldes apresentaram um Regulamento de Libertos, que estabelecia uma tutela de patronos sobre seus ex-escravos, este defendia o seguinte:

O Regulamento estabelecia trabalho obrigatório para libertos, que deviam ser remunerados com um salário nominal de três pesos por mês. Se os libertos deixassem seus senhores deveriam informar à repartição do governo que os designaria então a um novo senhor, cuja propriedade não podiam deixar sem permissão (Scott, 1991, p.65).

O governo rebelde promulgou o Regulamento em julho de 1869, entretanto, não há certeza se realmente foi cumprido. Esteve em vigor até o final de dezembro de 1870, quando foi revogado em favor da liberdade completa. Contudo,

embora a abolição fosse uma das mais inflamantes palavras de ordem da revolta, e o uso completo fosse finalmente promovido pelas publicações da propaganda rebelde, era mais fácil combater numa guerra se os escravos libertos fossem simplesmente distribuídos entre o exército e as propriedades numa partilha legal, sem consulta aos seus próprios desejos (Scott, 1991, p.66).

A Espanha ficou na defensiva em relação à escravidão. Afinal, a revolta tinha declarado a abolição e os escravos iriam abandonar seus senhores para se juntarem aos insurgentes. Os negros livres escolheriam os rebeldes ao invés dos espanhóis. Outro aspecto a favor era a crescente opinião antiescravista:

a Sociedade Abolicionista Espanhola, fundada em 1865, tinha desenvolvido uma rede considerável de apoio no interior da península. Originando-se fora dos partidos políticos, atraindo os jovens, comerciantes e políticos, a Sociedade atingiu um grau de sucesso extraordinário ao associar os ideais antiescravistas aos princípios liberais em desenvolvimento (Scott, 1991, p.79).

No final da década de 1860 ocorrem mudanças em função da Guerra Civil Americana da campanha ideológica dos abolicionistas. Segundo Scott,

a saída imaginada foi um 'decreto preparatório para a abolição gradual da escravidão', apresentado às Cortes por Segismundo Moret, ministro de Ultramar e abolicionista, em vinte e oito de maio de 1870, e emendado

durante os debates em junho. Todas as crianças nascidas de escravos a partir de setembro de 1868 e todos os escravos com idade superior a sessenta anos seriam considerados livres (1991, p.80).

Com a Lei Moret, de 1870, a Espanha buscava atrair a gratidão dos escravos libertados e negros livres. Ao mesmo tempo procurava impedir a abolição. Expõe Scott:

Assim que foram tomadas as primeiras medidas provisórias com respeito aos escravos como possíveis cidadãos, o tema de sua lealdade aumentou de importância, e do princípio ao fim da década de 1870 lutou-se pela fidelidade política e cultural de ex-escravos e negros livres (1991, p.81).

A década de setenta em Cuba foi um período de conflitos sociais e políticos. A Lei Moret provocava pequenos confrontos entre escravos, senhores, juntas e funcionários do governo. Na esfera econômica, o período era de prosperidade, a produção de açúcar superava os anos anteriores. Entretanto, a estabilidade não iria continuar no transcorrer dos anos, afinal, "... o meio da década representou o momento crítico, quando as pressões por modernização tecnológica, consolidação e investimentos pesados impulsionaram a indústria para a crise" (Scott, 1991, p.100).

Em muitos momentos Cuba acreditou que as mudanças aconteceriam, principalmente em relação à escravidão, no entanto, os espanhóis continuavam manipulando as mesmas maneiras de trabalho. Martí escreve o seguinte em relação a isso:

*Muchas veces pidió Cuba a España los derechos que hoy le querrá España conceder. Y si muchas veces se negó España a otorgarlos, a otorgar los que ella tenía, ¿cómo ha de atreverse a extrañar que Cuba se niegue a su vez a aceptar como don tardío, honor que ha comprado con la sangre más generosa de sus hijos, honor que busca hoy todavía con una voluntad inquebrantable y una firmeza que nadie ha de romper?* (Martí, 1873 apud [www.asesoria-legal-ya.com](http://www.asesoria-legal-ya.com), acessado em 01/10/09).

A condição dos escravos permanecia igual durante as décadas de sessenta e setenta, sendo que as principais áreas açucareiras conservavam a maior parte de seus escravos ou adquiriam novos para substituir os que tivessem perdido. Somente no final da década de 1870 que os senhores de escravos cubanos demonstram desinteresse pela escravidão. Conforme Scott, "a Lei Moret e os padrões demográficos impulsionavam para a mesma direção. Não haveria futuros escravos o suficiente para reabastecer o sistema; novas formas e fontes de trabalho tinham de

ser encontradas” (1991, p.118).

A abolição da escravidão em Porto Rico em 1873 servirá para impulsionar o movimento antiescravista na Espanha e amedrontar os proprietários cubanos, pois Cuba poderia ser a próxima. De acordo com Scott:

A existência de uma insurreição em Cuba era evocada na Espanha por aqueles que se opunham à reforma, e servia como contra-argumento para todos os propósitos às reivindicações abolicionistas. Ao mesmo tempo, porém, a realidade da guerra em Cuba aumentava as pressões práticas sobre a instituição da escravidão (1991, p.126).

A opressão praticada pela Espanha sobre Cuba ao longo de muitos anos é considerada por Martí como um ato vergonhoso: *“la República condena a los que oprimen. Derecho de opresión y de explotación vergonzosa y de persecución encarnizada ha usado España perpetuamente sobre Cuba”* (Martí, 1873 apud [www.asesoria-legal-ya.com](http://www.asesoria-legal-ya.com), (acessado em 01/10/09).

Cuba irá obter as mesmas condições políticas que Porto Rico, através do Pacto Zanjón (1873), momento em que representantes cubanos e espanhóis perdoam os crimes políticos e concedem liberdade aos escravos e chineses que estavam nas fileiras rebeldes: “a libertação dos escravos que lutaram nas fileiras insurgentes não constituía na verdade abolição era uma emancipação parcial necessária pelo fato de que de outro modo seria provavelmente impossível convencer os escravos rebeldes a depor armas” (Scott, 1991, p.128).

O documento conciliatório, porém não contemplava todas as necessidades e isso instigava os rebeldes ao reinício da guerra. Na extremidade oriental da ilha, os escravos se recusavam a obedecer seus senhores e feitores. No leste a manutenção da ordem se tornava uma questão de segurança:

Em 24 de agosto de 1879, as tropas espanholas se encontraram de fato mais uma vez face a face com o inimigo, ante a rebelião de grupos que participaram da insurreição anterior, no que mais tarde seria chamada guerra chiquita, a ‘guerra pequena’. O Pacto de Zanjón pôs fim às hostilidades, mas pouco resolveu os problemas que conduziram à guerra (Scott, 1991, p.129).

A partir disso, percebe-se que os problemas em Cuba não haviam sido

resolvidos e os revolucionários agiriam novamente, pois acreditavam que somente com a revolta a subordinação acabaria. Martí lutava pela independência de Cuba, porque percebia a vontade do povo explorado e sofrido. E irá representar esta crença em palavras como estas:

*Cuba reclama la independencia a que tiene derecho por la vida propia que sabe que posee, por la enérgica constancia de sus hijos, por la riqueza de su territorio, por la natural independencia de este, y, ás que por todo, y esta razón está sobre todas las razones, porque así es la voluntad firme y unánime del pueblo cubano (Martí, 1873 apud [www.asesoria-legal-ya.com](http://www.asesoria-legal-ya.com), acessado em 01/10/09).*

Os cubanos tinham muitos motivos para protestar, entre eles impostos altos, artesãos desempregados e a decepção dos escravos que haviam acreditado que conquistariam a liberdade com o fim da guerra. Informa Scott que “a nova rebelião foi liderada por veteranos da Guerra dos Dez Anos, Calixto Garcia e Antonio Maceo, e travada por um exército formado principalmente entre as classes mais baixas” (1991, p.129).

A união do povo e a tomada de consciência são aspectos expostos por Martí no contexto em questão. Acreditava o mesmo que o movimento revolucionário teria de instigar o povo para a luta. Assim escreve Fonet Betancourt: *“el punto de partida para semejante empresa, pensaba Martí, no podía ser otro que la unidad de los cubanos todos, puesto que la unidad del movimiento revolucionario había de surgir como consecuencia de la unidad del pueblo”* (1994, p.14).

A luta dos cubanos contra a opressão espanhola, o desejo de melhores condições de vida, o sacrifício de vidas em uma guerra são elementos que estão presentes nos escritos de José Martí, como: *“mi patria escribe con sangre su resolución irrevocable. Sobre los cadáveres de sus hijos se alza a decir que desea firmemente su independencia. Y luchan, y mueren. Y mueren tanto los hijos de la Península como los hijos de mi patria”* (Martí, 1873 apud [www.asesoria-legal-ya.com](http://www.asesoria-legal-ya.com), acessado em 01/10/09).

As questões de raça e de classe se misturavam na luta. Os espanhóis afirmavam que era uma guerra de negros contra brancos, entretanto, tinha-se uma

variedade de sujeitos envolvidos com a causa. Participavam profissionais, artesãos brancos e mulatos, feitores, administrador de plantação de café, muitos negros ditos sem ocupação e alguns escravos.

Perante a complexa situação envolvendo o escravismo, surgirá o conceito de patronato, um estatuto intermediário entre escravo e livre. Assim, “na base do patronato estava a negação de que houvesse no fundo interesse em conflito; as necessidades de ex-escravos e de ex-senhores seriam mediadas e resolvidas por meio de concessões mútuas para o benefício de ambos” (Scott, 1991, p.141).

No final da década de setenta, depois do término da Guerra dos Dez Anos como ficou conhecida a primeira guerra de independência, entre 1868 e 1878, ocorre uma abertura na ilha para a política eleitoral. O capitão geral, Martínez Campos, iniciou um período de relativa conciliação com o objetivo de consolidar o governo espanhol.

A abolição gradual da escravidão em Cuba aconteceu através de uma transição longa para o trabalho livre, com a influência de fatores internos e externos. A economia açucareira precisava de novos trabalhadores para suprir a mão de obra escrava. A Espanha queria manter o vínculo colonial, não desejando rupturas. O cenário político cubano apresentava aspectos importantes: “como principal colônia espanhola remanescente no Novo Mundo, e ao mesmo tempo uma ilha com um movimento anticolonial cada vez maior, Cuba constituía um problema político para a metrópole que muitas vezes obscurecia o problema da escravidão propriamente dita” (Scott, 1991, p.285).

José Martí, além de se preocupar com os caminhos de Cuba, enquanto esta permanecia sob a dominação espanhola, preocupava-se também com o imperialismo norte-americano e com a influência que este teria na ilha. De acordo com Fernet Betancourt:

*Pero las preocupaciones de Martí no nacían sólo de los problemas de su sufriente Cuba, sino que tenían su fuente central en el destino confuso e incierto que las manifestaciones imperialistas de los Estados Unidos de América amenazaban imponer a las jóvenes repúblicas hispanoamericanas. Por eso, sin descuidar sus deberes para con Cuba, consagró especial*

*atención a los rumbos que tomaba la política norteamericana (1994, p. 15).*

Os Estados Unidos tiveram uma colonização diferenciada do resto do continente, porque, ao contrário de outras colônias que ofereciam metais preciosos e especiarias tropicais à Europa, os americanos não as tinham e, desta forma, constituíram uma colônia de povoamento e não de exploração. Segundo Lopez:

Nos Estados Unidos da fase colonial nunca se construíram metrópoles suntuosas do tipo de Lima ou da Cidade do México, mas também não se formou um quadro social assinado pela extrema concentração de luxo e desperdício em contraste com a miséria endêmica das massas nativas (1998, p.103).

Os Estados Unidos no final do século XVIII conquistou mercados importantes para seus produtos industriais, primeiro no Caribe e depois na América hispânica. No transcorrer do século XIX surgiram duas situações internas que mantiveram os Estados Unidos ocupados. Primeiro, a luta intraclasses dominante, decidida na Guerra de Secessão; segundo, a conquista do Oeste. Ao norte, com uma realidade burguesa e industrial, interessava o controle da expansão da escravidão, a qual debilitava o mercado interno, como também a promoção de medidas protecionistas buscando favorecer a industrialização. Já o sul era agrário e aristocrático, sendo o escravo a base da monocultura do algodão. Outro fator importante nesta diferenciação é que a aristocracia sulista consumia manufaturas importadas e o protecionismo não era uma boa medida. Assim escreve Lopez: “a Guerra de Secessão colocou o problema de quem deveria controlar a máquina do Estado. Ao vencer o Norte, após a luta de quatro anos (1861-65), triunfou também o projeto industrializante e burguês” (1998, p.104).

A ocupação do oeste acontece em função da necessidade de se obter matérias-primas e anexar novas terras. E neste contexto irá ocorrer a expropriação e extermínio do índio, sendo este a maior vítima. Conforme Lopez, “fugindo da opressão em seus países, massas de imigrantes europeus rumaram para os Estados Unidos, visto então como uma verdadeira Terra Prometida” (1998, p.104).

A ideologia imperialista transformará os Estados Unidos, segundo eles, no benfeitor que levará a civilização e o progresso para a América:

Querendo ampliar as áreas de investimento de capital e obtenção de matérias-primas e também seus mercados, os Estados Unidos começaram a ver, na América Central, um 'quintal' de que poderiam dispor à vontade. Posteriormente, com o recuo imperial da Inglaterra, tal intenção foi estendida para o resto do continente (Lopez, 1998, p.106).

José Martí gostaria que todos os povos da América se unissem em torno de ideais próprios e que pudessem resistir ao avanço do imperialismo dos Estados Unidos. De acordo com Fornet Betancourt, *“por esto, para Martí, independizar a Cuba es, primero, arrancar de América los últimos restos del colonialismo español y, segundo, afianzar la unión de las jóvenes repúblicas hispanoamericanas para contener así los impulsos imperialistas de los Estados Unidos”* (1994, p.20).

A Revolução de 1959 representou o fim de um processo histórico longo de dependência em relação à Espanha, no século XIX, e aos Estados Unidos, no século seguinte. Segundo Ayerbe, “Cuba foi a última colônia da América Latina a libertar-se da Espanha, em 1898, num processo que se alongou por um período de trinta anos, em que tiveram lugar duas guerras de independência” (2004, p.21).

A primeira, conforme visto anteriormente iniciou-se em dez de outubro de 1868, tendo como principal líder o advogado e proprietário de engenhos Carlos Manuel de Céspedes, que acabou morrendo no combate em 1874. O conflito tem fim em 1878, após a derrota dos setores mais radicais, que tinham na liderança o general negro Antonio Maceo, lutando pela independência e abolição da escravidão, a qual irá ocorrer em 1880, resultado de pressões políticas externas, tendo a Inglaterra como a principal incentivadora pelo fim do tráfico de escravos.

A segunda guerra de independência inicia em onze de abril de 1895, quando desembarca em Cuba uma expedição vinda de Santo Domingo, comandada por Máximo Gómez e José Martí, advogado, escritor, jornalista e grande idealizador do movimento:

Os combatentes nacionais conseguem colocar o exército espanhol em retirada, ocupando boa parte das áreas rurais do país. Isso se deveu principalmente à ação das forças guerrilheiras comandadas por Antonio Maceo, que enfrentaram o contingente principal do exército espanhol, que tinha mobilizado duzentos mil soldados. Maceo morre em combate em 7 de dezembro de 1896 (Ayerbe, 2004, p.23).

O governo norte-americano entra no conflito em momento próximo da vitória

pelas forças independentistas. O motivo da intervenção foi o afundamento do navio de guerra Maine, em quinze de fevereiro de 1898, explodindo e provocando a morte de 260 marinheiros. De acordo com Ayerbe:

O barco, ancorado no porto de Havana, tinha sido enviado pelo presidente McKinley, do Partido Republicano, como medida de precaução ante a radicalização que tomava conta dos confrontos entre espanhóis e cubanos. Após uma investigação sobre as causas da explosão, concluiu-se que esta, provavelmente, ocorreu por causa de uma mina submarina (2004, p.23).

A guerra não se estendeu por muito tempo e em doze de agosto a Espanha assinou um armistício com os Estados Unidos em Washington e, em dez de dezembro, um tratado de paz em Paris, com o qual reconheceu a independência de Cuba. Neste momento ocorreu também a transferência aos Estados Unidos de Porto Rico e Guam, e o controle das Filipinas em troca do pagamento de vinte milhões de dólares.

A construção da independência cubana em relação à Espanha teve a participação e a idealização de José Martí, o qual defendia um projeto nacionalista que valorizava a cultura latino-americana. Salientando o que Luis Mergulhao escreve no artigo “Martí e a questão nacional na revolução cubana”, percebe-se o seguinte:

*José Martí inicia sua participação política durante a primeira guerra de independência contra a metrópole espanhola, posteriormente denominada Guerra dos Dez Anos. Embora não esteja ‘na linha de frente do processo’, é preso, condenado pelos poemas que escrevia e pela cobrança que fez a recente ‘República Espanhola’ em ter um pouco de coerência na sua política e assim conceder completa liberdade à Cuba (Mergulhao apud [www.lainsignia.org/2001/enero/cul\\_064.htm](http://www.lainsignia.org/2001/enero/cul_064.htm), acessado em 01/10/09).*

Outro aspecto também presente nos escritos de Martí, diz respeito à valorização da cultura latino-americana em sua singularidade, ou seja, não compará-la, nem desprezá-la em relação à européia. Em seu artigo, Mergulhao enfatiza que: “este projeto sem dúvida passa pela valorização da cultura da América Latina, não uma valorização excludente, que isole a cultura latino americana do mundo, mas que assuma sua peculiaridade, sua forma de ver a vida e o mundo que não poderiam ser associadas diretamente aos valores da Europa Ocidental e mesmo aos Estados Unidos” (Mergulhão apud [www.lainsignia.org/2001/enero/cul\\_064](http://www.lainsignia.org/2001/enero/cul_064). acessado em 01/10/09).

A partir disso, Martí expõe a defesa dos países da América, principalmente no que se refere à visão de povo “bárbaro” que foi construída ao longo do tempo. Citando mais uma vez Mergulhao:

Novamente, é preciso salientar que Martí não descaracteriza a cultura dos outros países, mesmo em se tratando de EUA, tampouco seus imensos avanços no plano tecnológico. Mas não vê outra solução para a hispano América que reconhecer sua especificidade, assumir e potencializar o seu legado cultural, tarefa fundamental para a construção de um projeto nacional para Cuba que acaba por pertencer a toda América (Mergulhao apud [www.lainsignia.org/2001/enero/cul\\_064.htm](http://www.lainsignia.org/2001/enero/cul_064.htm), acessado em 01/10/09).

Perante esta decisão, José Martí e seus companheiros compartilhavam da mesma convicção: a de que a atuação norte-americana teria influências nos planos revolucionários a favor da liberdade e soberania de Cuba.

Martí não vivenciou o triunfo da Revolução Cubana de 1959, fato este que questionou a hegemonia dos Estados Unidos na América Latina. O grupo de guerrilheiros liderados por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, chegou ao poder em Cuba, depois de derrotar o regime do ditador Fulgêncio Batista que era a favor das medidas norte-americanas na ilha. O grupo revolucionário da *Sierra Maestra* queria reformar a estrutura política e social do país, e isso afetaria os históricos investimentos americanos em Cuba.

Percebe-se, até o momento, que Martí teve uma participação política importante no processo de independência de Cuba em relação à Espanha, no final do século do XIX: expressou suas idéias em poesias, matérias de jornais e na formação do Partido Revolucionário Cubano. Ao passar dos nos, seus pensamentos permaneceram servindo de referência para a discussão de aspectos culturais, educacionais, éticos e políticos da ilha. E um exemplo disso é a Revolução Cubana de 1959, que perseguirá ideais que já estavam presentes nos escritos de Martí, motivo pelo qual se torna relevante entrar em contato com o contexto político das décadas de quarenta e cinquenta em Cuba.

## 1.2 Contexto das décadas de 1940 e 1950

A conquista do poder em Cuba é marcada por golpes, rupturas partidárias, manifestações populares. O golpe militar liderado por Fulgêncio Batista em dez de março de 1952 interrompeu um período democrático vivenciado pelo país há oito anos, com dois presidentes no poder, entre eles Grau San Martín (1944-1948) e Prío Socarrás (1948-1952). Neste contexto político estava inserido Fidel Castro. De acordo com Ayerbe, “entre essas lideranças, destacava-se Fidel Castro, candidato do Partido Ortodoxo às eleições de primeiro de junho, anuladas por Batista” (2004, p. 26). O Partido do Povo Cubano (Ortodoxo) foi criado em 1947, a partir da ruptura de setores do Partido Revolucionário Cubano que fizeram denúncias de corrupção no governo de Grau San Martín e queriam mudanças.

Batista retornou ao poder pela segunda vez. Em um primeiro momento sua figura relacionou-se à luta oposicionista contra a ditadura de Machado, que governou o país entre 1925 e 1933, e provocou um intenso processo de organização política na sociedade cubana. Neste momento, “a luta antiditatorial se radicaliza, gerando um forte movimento de massas, com amplo apoio dos partidos políticos, que culmina com a derrubada de Machado em agosto de 1933” (Ayerbe, 2004, p.27).

O Exército também se mobilizou, criando o ‘movimento dos sargentos’, que se posicionou contra o governo provisório de Manuel Céspedes, formando um novo governo juntamente com o Diretório Estudantil Universitário, tendo como presidente Ramón Grau San Martín. É neste movimento de sargentos que se destaca a figura de Fulgêncio Batista.

A influência política de Batista aumenta após a saída de San Martín, que abandona a presidência em 1934, sendo substituído pelo coronel Carlos Mendieta. A partir de 1940 até 1944, Batista assume a presidência.

O governo de Batista não foi considerado apenas uma continuidade do período de Machado. Teve o apoio no início de setores ligados a Grau San Martín e ao Diretório Estudantil. No entanto, em 1935 surgem movimentos grevistas no campo e na cidade: “os partidários de San Martín, reunidos no Partido Revolucionário Cubano,

assumem uma posição destacada entre a oposição, clamando por um governo constitucional” (Ayerbe, 2004, p.28). Batista consegue o apoio do Partido Comunista. Isso leva os comunistas a participarem do governo com dois ministérios. Batista continua no poder até 1944, sendo impedido de candidatar-se novamente, quando então foi sucedido por Grau San Martin.

O retorno de Batista como ditador acontece na década de 1950. E isso será o principal fator para a organização de um movimento de oposição que marcará a história política latino-americana. Assim escreve Ayerbe: “a frustração das expectativas dos setores que apostavam na vitória eleitoral de junho de 1952 deu lugar rapidamente à organização de movimentos de resistência, que passam a colocar a luta armada como principal método de ação política” (2004, p.28 e 29). Neste momento em que militantes do Partido Ortodoxo se manifestam é que surge a figura do jovem advogado Fidel Castro. Conforme Ayerbe, “Fidel nasceu em 13 de agosto de 1923, em Birán, província de Oriente, e seu pai era um rico fazendeiro. Educado em colégios jesuítas, em 1945 ingressa na faculdade de Direito da Universidade de Havana” (2004, p.299).

Em seguida se envolve em um movimento para derrubar o ditador Trujillo, da República Dominicana. Em 1948, participa como delegado estudantil num congresso em Bogotá. Em 1950, obtém o título de advogado e, em 1952, assume uma das candidaturas a deputado pelo Partido Ortodoxo. O golpe de Estado provoca o desejo de retorno à normalidade democrática e para isso era preciso a derrubada do regime de Batista. Assim, tem-se a união de um grupo que planeja a primeira ação revolucionária, o assalto aos quartéis de Moncada e Bayamo, na província do Oriente.

O objetivo era convocar uma greve geral contra o regime, contando com a participação de movimentos de massa e a deserção de soldados. E se a ação fracasse haveria um recuo para as montanhas para organizar uma guerra de guerrilhas. Informa Ayerbe que, “em 1953, o movimento antiditatorial que se organizava em torno dos jovens liderados por Fidel Castro atingia um número expressivo de militantes e simpatizantes, chegando a 1.200, dos quais foram selecionados 165 para participar do assalto aos quartéis (2004, p.30). A partir desta

exposição sobre a movimentação dos revolucionários na ilha para a derrubada do ditador, lembro dos versos de Martí que contempla exatamente a atitude de expulsão de um tirano, seguida pela tomada do poder por um grupo. E é no Cap.VII que escreve:

*Estimo a quien de un revés  
Echa por tierra a un tirano:  
Lo estimo, si es un cubano:  
Lo estimo, si aragonés (1997, p.67).*

O confronto do Moncada provocou a prisão de Fidel Castro. Como uma maneira de se defender ele escreveu “A História me absolverá”, que, de acordo com Ayerbe,

...expõe detalhadamente os objetivos da ação insurrecional, considerada como legítimo direito garantido pela Constituição de 1940 contra a usurpação do poder legítimo. O documento também apresenta o programa de transformações políticas, sociais e econômicas que orientariam o governo posterior à derrubada de Batista (2004, p.30).

O confronto ocorreu antes do planejado, devido ao aparecimento inesperado de uma patrulha do Exército. Um dos combatentes atirou contra um soldado que apareceu na janela e se inicia, então, o tiroteio. Muitos combatentes morreram e foram assassinados após o combate. Os principais líderes eram Fidel Castro e seu irmão Raul Castro. De acordo com Ayerbe, “... o ataque a instalações do Exército não significava um ato contra os soldados, cujo respeito faz questão de explicitar, destacando seu papel histórico nos movimentos antiditatoriais desde os anos do combate à ditadura de Machado” (2004, p.30).

Os primeiros passos dos revolucionários em busca de uma sociedade justa e livre do domínio externo que impedia o homem cubano de ser livre vão de encontro ao que Martí analisou e argumentou em suas obras. Em um de seus textos, intitulado “Nossa América”, de acordo com Streck, Martí escreve: “o governo há de nascer do país. O espírito do governo há de ser o do país. A forma de governo há de ser de acordo com a própria constituição do país. O governo não é mais do que o equilíbrio dos elementos naturais do país” (1891 *apud* Streck, 2007, p.52). A partir disso, o escritor demonstra o quanto considera importante uma nação ser governada por alguém que tenha nascido no país, pois assim poderá entender as reais

necessidades da população.

O programa da revolução idealizava uma transformação nos setores populares e o projeto de Moncada apresentava cinco leis revolucionárias. A primeira reconhecia a Constituição de 1940 como lei fundamental do Estado. A segunda oferecia terras a camponeses que ocupassem pequenas áreas. A terceira permitia aos trabalhadores assalariados a participação em 30% dos lucros das grandes empresas industriais, extrativas e comerciais. A quarta concedia a todos os colonos 55% de participação nos lucros da cana-de-açúcar e uma cota mínima de quarenta mil arrobas àqueles que estivessem estabelecidos por um mínimo de três anos. Segundo Ayerbe:

Após a proclamação dessas leis, passar-se-ia a uma segunda etapa de medidas vinculadas à reforma agrária, do sistema educacional e nacionalizações de empresas que prestam serviços públicos na área da telefonia e eletricidade. Dessa forma, o programa da revolução buscava atacar os problemas da ausência de liberdade e de democracia, da terra e das condições de vida precárias da maioria da população, melhorando o acesso à moradia, o emprego, a educação e a saúde (2004, p.31).

O programa de revolução citado anteriormente com objetivos voltados para uma melhor condição de vida das pessoas se relaciona ao que Martí acreditava. E Lopes, prefaciando Martí, salienta o seguinte:

É inútil e impossível separar o Martí que fundou uma nova literatura e, a bem dizer, uma nova língua literária castelhana do homem que durante toda uma vida imensamente rica pensou e agiu, com uma coerência e tenacidade gigantescas, para construir um mundo de liberdade, justiça, independência e paz, procurando todos os caminhos possíveis para unir todo o seu povo na conquista de sua própria liberdade e independência (1997, p.8).

Cuba mantinha uma estrutura social muito desigual, com uma aristocracia rural, uma burguesia vinculada à especulação imobiliária, indústria turística e uma classe média composta por profissionais liberais e funcionários do Estado. O capital norte-americano controlava boa parte das plantações de cana-de-açúcar, das usinas, das refinarias de petróleo, do sistema telefônico e de eletricidade.

A condenação dos participantes responsáveis pelo ataque ao Moncada desencadeou um movimento a favor da anistia, obtida em quinze de maio de 1955. Juntamente com a pressão popular, outro fator favoreceu esta situação: a decisão de Batista em legalizar seu regime, convocando eleições em 1954 e concorrendo como

candidato único. Estes fatores contribuíram para que o ditador concedesse a liberdade aos prisioneiros.

Após a saída da prisão, Ayerbe (2004) ressalta que Fidel Castro se reuniu no México para a organização de um grupo de combatentes com o objetivo de promover um novo confronto em Cuba. Existia também um contato em Cuba com a resistência clandestina, mais precisamente com o Movimento 26 de Julho (M-26. 07) que articulava a resistência interna e enviava militantes para compor o grupo que regressaria a Cuba para a luta armada. A força, conforme Ayerbe, era

composta de 82 homens, 78 cubanos, um argentino, um italiano, um mexicano e um dominicano, embarcará em 25 de novembro de 1956 a bordo do *Granma*, barco de transporte de turistas reformado, com capacidade para 25 pessoas (2004, p.34).

O plano era que o Movimento fizesse um levantamento popular em Santiago no dia 30 de novembro, o dia que aconteceria o desembarque do *Granma*. No entanto, o grupo expedicionário irá desembarcar três dias depois, na praia dos Colorados, Enseada de Turquino e nisso as forças de Batista estavam de sobreaviso e acaba acontecendo um ataque no dia cinco de dezembro. Apenas doze sobrevivem e em pequenos grupos partem em direção a *Sierra Maestra*, onde se reencontram dezesseis dias depois, e iniciam a preparação de uma nova ofensiva. Sobre esse evento, esclarece Ayerbe que,

dessa vez, a estratégia tentará fortalecer a ação guerrilheira no campo, buscando o apoio da população mais pobre, que se cristalizará pela combinação entre o avanço das forças revolucionárias e a promoção da reforma agrária nos territórios que vão sendo conquistados (2004, p.35).

O grupo guerrilheiro se divide em três colunas, em junho de 1957, sob o comando de Fidel Castro, Raul Castro e Ernesto Che Guevara, um argentino que se incorporou ao grupo original que saiu do México. Ele seria o médico, porém, no decorrer das ações, tornou-se um grande combatente. A tensão na cidade aumenta, a oposição se posiciona de maneira radical:

É o caso do Diretório Revolucionário e de setores vinculados ao ex-presidente Socorrás, que promovem em 13 de março o assalto ao Palácio Presidencial, residência oficial de Batista. A ação fracassa ao encontrar forte resistência das forças oficiais, que eliminam 35 dos 50 combatentes (Ayerbe, 2004, p.35).

Nas cidades é organizada uma greve geral em nove de abril de 1958, que fracassa e, por causa disso, Batista ataca a guerrilha com uma tropa de mais de dez mil soldados. O ataque dura 75 dias, e o Exército recua. A partir daí, os vestígios de vitória dos revolucionários começam a surgir.

As forças de oposição representadas pelo Diretório Revolucionário, pela Federação dos Estudantes Universitários, pelo Grupo Montecristi, pelo Movimento 26 de Julho, pela Organização Autêntica, pelo Partido Democrata, pelo Partido do Povo Cubano (Ortodoxo), pelo Partido Revolucionário Cubano (Autêntico), pela Resistência Cívica e pela Unidade Operária assinam, na capital da Venezuela, o pacto de Caracas:

O documento solicita aos Estados Unidos que suspendam todo tipo de ajuda ao governo de Batista, especialmente no campo militar. Nessa reunião, propõe-se como presidente do país, após a derrubada de Batista, Manuel Urrutía Lleó, magistrado que se notabilizou por suas posições públicas contrárias à condenação dos rebeldes do Granma aprisionados por Batista (Ayerbe, 2004, p.37).

As forças revolucionárias acabam agregando outros grupos relacionados ao Diretório Revolucionário e o Partido Socialista Popular. E em agosto, ocorre a ofensiva final com marcha militar em direção a Havana e ações de boicote nas cidades em relação às eleições presidenciais promovidas pelo regime. No dia 31 de dezembro, Batista abandona Cuba e os revolucionários chegam ao poder.

O amor pela pátria, o comprometimento com os ideais de uma nação, o envolvimento do povo com a luta, a disposição para enfrentar o inimigo, a bravura do soldado que arrisca a vida pela terra natal, são elementos que podem ser analisados nos versos de Martí. Em seu XXXI poema da obra “Versos Singelos”, escreve:

*Para modelo de un dios  
El pintor lo envío a pedir:-  
¡Para eso no! ¡para ir,  
Patria, a servirte los dos!*

*Bien estará em la pintura  
El hijo que amo y bendigo:-  
¡Mejor en la ceja oscura,  
Cara a cara al enemigo!*

*Es rubio, es fuerte, es garzon  
De nobleza natural:  
¡Hijo, por la luz natal!  
¡Hijo, por el pabellón!*

*Vamos, pues, hijo viril:  
Vamos los dos: si yo muero,  
Me besas: si tú... ¡prefiero  
Verte muerto a verte vil!* (1997, p.127).

A conquista da ação revolucionária cubana que atingiu o seu objetivo com a derrubada de um ditador é algo que está presente nos versos de Martí quando, no Cap.VII, expõe:

*Estimo a quien de un revés  
Echa por tierra a un tirano:  
Lo estimo, si es un cubano:  
Lo estimo, si aragonés.*

*Amo los patios sombríos  
Con escaleras bordadas;  
Amo las naves calladas  
Y los conventos vacíos.*

*Amo la tierra florida,  
Musulmana o española,  
Donde rompió su corola  
La poca flor de mi vida* (1997, p.67).

As palavras de Martí e o processo revolucionário cubano representam a força e o poder de um grupo que tinha objetivos definidos e que conquistou o apoio do povo. Prefaciando a obra “Versos Singelos”, afirma Lopes que “a poesia, para Martí, é inseparável de seu valor moral, assim como inseparável de uma forma que seja precisa, exata na realização literária desse valor moral, que implica em solidariedade e amor” (1997, p.19). Para Martí o objetivo da poesia é comunicar uma verdade, que só é acessível através dela. Ela é uma dimensão superior do ser humano, por isso o valor moral.

Um fator importante que irá influenciar a política cubana após a revolução de 1959 será a presença dos Estados Unidos. Durante o século XIX, a política externa norte-americana evitou o envolvimento nas disputas entre as potências européias. Segundo Ayerbe,

com a Doutrina Monroe, a defesa do isolamento em relação à Europa passa a ser estendida ao conjunto do hemisfério. Manifestando preocupação com as intenções da Espanha de reverter, com o apoio da Santa Aliança, o processo de independência latino-americano, os Estados Unidos decidem fixar limites à intervenção de potências européias no continente (2004, p.41).

José Martí se posicionou em relação aos interesses dos Estados Unidos em

Cuba e na América. Conhecia a estrutura americana e o quanto o país poderia expandir para além de suas fronteiras. Considerando o que Carvalho escreve teremos o seguinte posicionamento:

Martí viveu nos Estados Unidos num momento em que o país atravessa transformações profundas em sua economia e política continental, no momento da inauguração de uma nova etapa do capitalismo monopolista e imperialista que o levaria, inexoravelmente, a galgar novas posições sobre o mundo e, em particular, sobre o continente americano (Carvalho apud [www.mec.es/sqci/br/es/publicaciones/anuario/abeh06.pdf#page=24](http://www.mec.es/sqci/br/es/publicaciones/anuario/abeh06.pdf#page=24), acessado em 01/10/09).

A Doutrina Monroe nunca foi descartada totalmente pelos governos norte-americanos, mas o período relativo a mesma, de 1823 a 1904, é o momento em que são formulados cinco corolários. O primeiro, do secretário de Estado Henry Clay, de 1823, proíbe a possibilidade de Cuba e Porto Rico, colônias da Espanha, a pertencerem a qualquer outra potência. O segundo, formulado pelo presidente James K. Polk, em 1845, tem como objetivo provocar o desinteresse da Inglaterra pelo Texas, que havia se separado do México em 1836 e foi incorporado à União Americana. Na sua presidência, a Espanha recebe a oferta de compra de Cuba, no entanto, não aceita. No ano de 1871, o presidente Ulysses S. Grant invoca a Doutrina Monroe com o objetivo de impedir que a República Dominicana pudesse se reconciliar com a Espanha. O quinto corolário foi formulado por Theodore Roosevelt, em dezembro de 1904, conhecido como *Big Stick* (grande porrete). De acordo com Lopez, “nos anos seguintes, o porrete foi largamente utilizado em países como Cuba, Nicarágua, México e Haiti” (1998, p.107).

Ayerbe (2004) ressalta que Roosevelt autoriza a instalação de uma base militar em Cuba, na Baía de Guantánamo, em 1903, baseado na Emenda Platt. E, em 1906, promove a segunda ocupação de Cuba em função da “revolução de agosto”, que foi conduzida pelo Partido Liberal, pois este questionava a reeleição de Estrada Palma no pleito de 1905. A intervenção em Cuba aconteceu como resposta a um pedido do presidente cubano. As eleições acontecem em 1908, sendo o candidato liberal José Miguel Gómez o grande vencedor, assumindo o poder em janeiro de 1909, juntamente com a retirada das tropas dos Estados Unidos.

O início da Segunda Guerra Mundial influenciou a política de boa vizinhança de Roosevelt. De acordo com Ayerbe, “começa uma pressão para o envolvimento latino-americano com os aliados, seja rompendo relações diplomáticas com Alemanha, Itália e Japão seja contribuindo com ajuda econômica, fornecendo produtos primários (alimentos e minérios) a preços controlados” (2004, p.45).

Logo após a Segunda Guerra, em função do temor ao comunismo, os Estados Unidos se colocará como o protetor da América Latina e do Caribe. A Revolução Cubana será considerada uma ameaça para os governantes de outros países. Assim escreve Ayerbe: “A revolução acontece no período final do governo Eisenhower, cuja marca característica é o endurecimento da guerra fria, e promove a desestabilização de governos cuja trajetória indica um possível aumento da influência soviética” (2004, p.45).

Em relação à destituição de governos, têm-se os exemplos do primeiro-ministro do Irã, Mossadegh, que ocorre em 1953, e a intervenção em Guatemala contra o presidente eleito, Jacobo Arbenz, em 1954. Sobre tais eventos, esclarece Ayerbe que: “os resultados obtidos no Irã e na Guatemala encorajam uma visão que tende a valorizar essa modalidade de intervenção como exemplo de sucesso na promoção dos interesses do país, sem implicar grandes custos políticos, dado o papel relevante das ações encobertas sob o comando da CIA” (2004, p.46).

A política intervencionista dos Estados Unidos praticada até então pelo governo Eisenhower será modificada a partir do presidente Kennedy. Com ele, “o eixo inicial da mudança de rumos proposto por Kennedy será a promoção de reformas econômicas e sociais, o que não significa o abandono das políticas preventivas e repressivas das administrações precedentes” (Ayerbe, 2004, p.47).

A maneira encontrada para a implementação das reformas estruturais pelo governo Kennedy será a criação da Aliança para o Progresso (Alpro). Esta iniciará um Plano Decenal de desenvolvimento, como também a integração econômica, com uma área de livre comércio e ações emergenciais destinados à paz e ao intercâmbio científico entre as universidades.

O governo americano colocará em prática o plano de intervenção em Cuba. Com uma expedição de 1.500 homens que saem de Guatemala e desembarcam na Baía dos Porcos, na Província de Las Villas, mas é derrotada pelas forças cubanas. Segundo Ayerbe, “o governo Kennedy é obrigado a assumir publicamente a ação, com altos custos políticos para a credibilidade de seu programa de desenvolvimento para a América Latina e o Caribe” (2004, p.49).

Após, o fracasso da invasão as relações entre Cuba e Estados Unidos se torna dramática. O governo Kennedy inicia uma discussão de medidas mais eficazes contra o governo de Fidel Castro, e o faz, em 1961, através da Operação Mangusto, com ações clandestinas de sabotagem, guerra econômica e atentados contra autoridades.

A Casa Branca, então, fará uma reunião para discutir a descoberta da instalação de mísseis soviéticos em Cuba. Segundo Ayerbe:

Em 22 de outubro, o governo dos Estados Unidos impõe o bloqueio naval a Cuba, que inclui barcos comerciais, com o apoio da OEA. A crise dos mísseis representou o momento de maior tensão da guerra fria, em que as duas superpotências chegaram perto de um impasse que poderia ter desencadeado um conflito de conseqüências imprevisíveis (2004, p.50).

Era preciso fazer um acordo, caso contrário haveria um confronto entre a frota soviética, que se dirigia a Cuba com carregamento de armas e a frota norte-americana que bloqueava o acesso à ilha. A crise foi resolvida com um acordo entre Kennedy e Kruchov em que incluía a retirada dos foguetes do território cubano e a desistência de invasão da ilha pelos Estados Unidos.

Em relação à instalação dos mísseis, é possível citar o apoio do governo cubano que considerava a posse de armas nucleares uma forma de defesa contra as medidas intervencionistas dos Estados Unidos. No entanto, mesmo com o fim da crise, as ações norte-americanas contra Cuba continuam presentes nos planos do governo Kennedy. Assim escreve Ayerbe: “as ações terroristas propostas não foram implementadas, no entanto, em nove de abril de 1963, o presidente Kennedy autorizou operações de sabotagem ‘contra uma ponte ferroviária, algumas instalações de armazenamento de petróleo e uma embarcação de armazenamento de melação” (2004, p.51).

O episódio ocorrido na Baía dos Porcos irá influenciar as discussões a respeito da implantação da Aliança para o Progresso (Alpro), e de maneira paralela, mas que envolve também a discussão será o isolamento cubano. Segundo Ayerbe:

Na reunião da OEA em Punta Del Este, em agosto de 1961, os objetivos da Alpro recebem fortes críticas da delegação cubana, chefiada por Ernesto 'Che' Guevara, que argumenta que o eixo da ajuda não apostava no desenvolvimento econômico da região, mas destinava-se basicamente a suprir deficiências no plano da alimentação, do saneamento básico e da educação (2004, p.52).

A política externa dos Estados Unidos se modificará com o assassinato de Kennedy, em 22 de novembro de 1963, pois quem assume seu lugar é Lyndon Johnson, que muda as prioridades regionais da política externa. De acordo com Ayerbe, “governos e setores políticos, considerados aliados pelo presidente Kennedy na promoção das reformas propostas pela Alpro, começam a ser vistos como indecisos e perigosos” (2004, p.52). O militarismo se faz presente, após as mudanças na política americana, com os golpes na Argentina, Guatemala, República Dominicana, Honduras, Haiti, Bolívia, Brasil e Peru marcaram o cenário político entre 1962 e 1968.

Alguns elementos constituíam a singularidade cubana, entre eles a divisão entre as classes, a produção açucareira e a dominação externa. Segundo Lopez:

... a monocultura açucareira e a dominação externa modelaram o perfil da sociedade cubana pré-revolucionária. No alto, predominava uma plutocracia integrada organicamente ao imperialismo e com reduzidos vínculos com as outras classes do país, uma elite satelitizada de tecnocratas, burocratas, gerentes, comerciantes, profissionais liberais, etc, incapazes de estabelecer aqueles laços ideológicos que permitiriam às demais oligarquias de outras partes da América Latina se confundirem com a nação (1998, p.155).

No lado oposto da sociedade estava a massa trabalhadora urbana e rural explorada. De acordo com Lopez:

No extremo oposto do espectro social cubano existia uma explorada massa trabalhadora rural e urbana. O fato do imperialismo ter montado enclaves açucareiros em Cuba com características plenas de empresas capitalistas fez com que a maioria dos trabalhadores rurais se tornasse um proletariado típico (1998, p. 155 e 156).

A realidade evidenciada anteriormente lembra os versos de Martí que também representam a pobreza das pessoas do país:

*Con los pobres de la tierra  
 Quiero yo mi suerte echar:  
 El Arroyo de la sierra  
 Me complace más que el mar:  
 Denle ao vano el oro tierno  
 Que arde y brilla en el crisol:  
 A mi denme el bosque eterno  
 Cuando rompe en él sol (Cap. III, 1997, p.51).*

Ao mencionar a luta de um grupo, de um povo, logo se enfatiza a conquista política e econômica, mas além destes elementos há outro defendido por Martí, que ressalta a liberdade espiritual dos homens. Em *La América* escreve o seguinte: “se abren campañas por la libertad política; debieran abrirse con mayor vigor por la libertad espiritual; por la acomodación del hombre a la tierra en que ha de vivir” (*La América*, 1884, apud [www.cubaminrex.cu/josemarti/jmarti\\_pensam.htm](http://www.cubaminrex.cu/josemarti/jmarti_pensam.htm)).

Perante uma situação de desigualdade entre classes e a necessidade de uma mudança no cenário cubano, tem-se a organização do movimento revolucionário. Segundo Lopez:

Nas lutas sociais, desde o início, comunistas e anarco-sindicalistas desempenharam um importante papel: ao contrário das outras nações latino-americanas, onde tais forças políticas apareceram em época posterior à formação do Estado nacional, em Cuba elas apareceram juntas com a república, visando aglutinar os descontentes com o sistema (1998, p. 156).

Um fator determinante no processo histórico cubano foi a emancipação tardia. De acordo com Lopez, “a tardia emancipação de Cuba fez com que sua evolução histórica fosse atropelada e o país não passou por aquele estágio intermediário de dominação de uma elite *criolla* entre a emancipação e a entrada do capital monopolista” (1998, p. 156). Outro elemento presente no contexto cubano se refere há formação de um campesinato proletarizado, diferente daquele submetido à dominação patriarcal.

Outra classe da sociedade cubana era a classe média; esta mantinha uma posição indefinida em relação à rebelião e ao imperialismo. Lopez escreve: “foi uma classe tão sensível ao protesto e à rebelião quanto cooptável pelo imperialismo e seus agentes internos” (1998, p.157).

Em seu verso, Martí escreve sobre “iLa esclavitud de los hombres” (Cap

XXXIV), a partir deste, pode-se citar Lopez, que escreve o seguinte: “a sociedade cubana jamais conseguiu integrar as classes entre si e os grupos superiores ligavam-se quase que exclusivamente aos valores e à dominação de fora” (1998, p.157). Percebe-se com isso a influência do elemento estrangeiro na vida cubana, as dificuldades enfrentadas, a dependência, a subordinação.

Cuba foi a ilha do açúcar e de uma grande quantidade de escravos. Tendo como mercado consumidor a Espanha e o resto da Europa. Um fator que favoreceu a introdução de escravos na Ilha foi a passagem dos ingleses em 1762, em Havana. Outro aspecto determinante neste contexto se refere ao livre comércio. De acordo com Pomer:

O livre comércio foi um dos grandes motores da independência no resto da América espanhola. Mas em Cuba os grandes proprietários de engenhos tem suas dúvidas. Elas serão muito fortes depois dos acontecimentos do Saint-Domingue francês, onde os negros se sublevam e expulsam seus senhores, muitos dos quais chegam a Cuba e recebem terras das autoridades espanholas para continuar trabalhando (1981, p.57).

Esta citação salienta o exemplo dos negros que lutam na França contra a situação de subordinação, o que lembra as palavras de Martí quando, no Cap.XXXIV, salienta: *“¡La esclavitud de los hombres, Es la gran pena del mundo!”*

A vida de José Martí desde muito cedo foi marcada por atitudes de coragem e princípios patrióticos. Segundo Lopes:

Na então colônia espanhola de Cuba, no início da primeira guerra de independência- a Guerra dos Dez Anos-, um rapaz de 16 anos foi preso. O motivo: uma carta, apreendida, em que o jovem classificava como ‘apóstata’ um colega que aderira à repressão colonialista em meio ao massacre de seu povo. Quatro meses depois ele seria, condenado a seis anos de prisão (1997, p.5).

Martí acreditava na liberdade dos povos e queria lutar contra a tirania, mesmo que para isso tivesse que sacrificar sua própria vida. De acordo com Lopes:

Com a cabeça raspada, pijama de presidiário, uma corrente na cintura e um grilhão fixado à perna direita, foi levado a quebrar pedras na pedreira de San Lázaro, próxima a Havana. O período em que lá ficou foi suficiente para arruinar a sua saúde, mas ele nunca deu importância a isso. Ao contrário, esse período selou o seu destino, o destino de um dos maiores homens, poetas e escritores que a Humanidade já produziu (1997, p.5 e 6).

As grandes plantações de açúcar em terras cubanas provocaram mudanças na

fertilidade do solo, na mão-de-obra com a introdução de escravos. Segundo Galeano, “até 1959, não se construíam fábricas, mas castelos de açúcar: o açúcar punha e depunha ditadores, proporcionava ou negava trabalho aos operários, decidia o ritmo das danças dos milhões e as terríveis crises” (2002, p.81).

A economia cubana continuará dependente da produção açucareira, após a Revolução: “Um século depois, quando os guerrilheiros da Sierra Maestra conquistaram o poder, Cuba continuava com seu destino amarrado à cotação do açúcar. ‘O povo que confia a sua subsistência a um só produto se suicida’, havia profetizado o herói nacional, José Martí” (Galeano, 2002, p.82).

A dependência externa de Cuba em relação à exportação do açúcar sofreu brutalmente com a crise de 1929 nos Estados Unidos. Os preços caíram no mercado dos Estados Unidos. De acordo com Galeano:

O que ocorria com os preços, repetia-se com os volumes das exportações. Desde 1948, Cuba recuperou sua quota para cobrir a terça parte do mercado norte-americano de açúcar, a preços inferiores aos que recebiam os produtores dos Estados Unidos, porém mais altos e mais estáveis do que os do mercado internacional (2002, p.82).

A presença dos Estados Unidos na ilha era significativa já em 1850, com o domínio da terça parte do comércio. Assim escreve Galeano: “Já em 1850, os Estados Unidos dominavam a terça parte do comércio de Cuba, vendiam e compravam mais do que a Espanha, embora a ilha fosse uma colônia espanhola, e a bandeira das listras e estrelas ondulava nos mastros da metade dos navios que ali chegavam” (2002, p.83).

Aos poucos Cuba ia sendo dominada pelos Estados Unidos. Conforme Galeano:

Em 1960, o embaixador norte-americano em Cuba, Earl Smith, declara diante de uma subcomissão do Senado: ‘Até a chegada de Castro ao poder, os Estados Unidos tinham em Cuba uma influência de tal maneira irresistível que o embaixador norte-americano era a segunda personalidade do país, e às vezes ainda mais importante do que o presidente cubano (2002, p.84).

A partir disso, percebe-se o quanto o povo cubano estava submetido aos interesses de um país estrangeiro que queria a exploração das riquezas oferecidas

visando a obtenção de lucros. Enquanto isso a população pobre sofria com a exploração e falta de recursos para uma vida digna.

Este contexto histórico de Cuba e da América Latina se relaciona ao nacionalismo presente nas palavras de José Martí, que defende a valorização do homem natural cubano, com seus valores originais ligados à natureza e aqueles referentes às relações humanas. O poeta acreditava que o autoconhecimento dos povos americanos garantiria unidade, autonomia e liberdade na luta pela emancipação da nação em relação à tirania estrangeira.

No ano de 1869, José Martí havia publicado no jornal *“La Patria Libre”*, editado por ele, o poema chamado *“Abdala”*, o qual, de acordo com Lopes, é composto pelos seguintes versos:

*El amor, madre, a la pátria  
No es el amor ridículo a la tierra,  
Ni a la yerba que pisan nuestras plantas;  
Es el ódio invencible a quien la oprime,  
Es el rencor eterno a quien la ataca (1997, p.6).*

Estes versos representam o amor do poeta à pátria, à terra, à natureza, enfim elementos que compõem os seus ideais de vida e também de luta contra o inimigo que quer dominar, explorar o seu país.

A Revolução Cubana foi dos processos históricos de extrema importância para a América Latina. Assim escreve Guazzelli: “Tendo sido conduzida por um grupo que não tinha, em princípio, o objetivo de uma transformação rumo ao socialismo, o processo revolucionário, na medida em que desencadeou uma série de reformas muito profundas, paulatinamente afastou-se dos grupos dominantes locais e dos interesses norte-americanos na Ilha” (2004, p.14).

A busca de uma solução de Cuba para a situação de dependência da Espanha atingiu os países latino-americanos. Salienta Guazzelli: “de um lado, as burguesias que enfrentaram crescentes dificuldades para o atendimento das reivindicações populares passaram a temer que o ‘exemplo’ cubano pudesse ser seguido em suas nações” (2004, p.14). A partir do ocorrido em Cuba, as classes dominadas dos outros

países viram a possibilidade de uma transformação social e a ruptura com o capitalismo.

Os Estados Unidos, perante a situação concreta de uma revolução, geográfica, política e economicamente buscavam implantar medidas concretas, como o investimento nas Forças Armadas latino-americanas, a Aliança para o Progresso.

Uma figura de destaque na Revolução Cubana era Fidel Castro, vindo do Partido Cubano, também chamado de Partido Ortodoxo. Não atraiu para o seu projeto os militares comunistas da ilha, Partido Socialista Popular, que não concordavam com a tomada do Quartel Moncada. As transformações aos poucos irão surgindo. Assim escreve Guazzelli: “ao longo do processo revolucionário, incluindo os tempos da guerrilha em *Sierra Maestra*, as transformações são levadas a Cabo, criando condições capazes de atrair amplos setores populares e ao mesmo tempo afastar aliados da primeira hora” (2004, p.16). A confiança popular em relação ao movimento aumentava. Argumenta Guazzelli:

Já em 1959, iniciou-se o programa de reformas com o confisco dos bens pertencentes a Batista e à sua oligarquia: a expropriação de latifundiários e distribuição de terras, de forma individual ou cooperativa: decretação da redução dos aluguéis urbanos e do preço das tarifas públicas: combate à especulação financeira e uma reforma monetária que anulou os capitais que haviam sido retirados para o exterior (2004, p.16).

Outras medidas atingiram também a desconstituição da rede de hotéis, cassinos e casas de prostituição que eram controlados por empresários norte-americanos aliados a Batista e seus oficiais. Escreve Guazzelli:

Decretou-se, ainda, o uso público dos espaços até então privados das grandes corporações hoteleiras e turísticas. Apesar de seu significado estar mais voltado ao combate da corrupção do grande Batista, isso representou o primeiro ataque ao capital estrangeiro em Cuba, e certamente não teve boa receptividade pelas autoridades dos EUA (2004, p.17).

Estas mudanças na estrutura da sociedade cubana, como no direito da propriedade, entre outros, formava uma resistência ao projeto revolucionário, além da ação de exilados do antigo regime em outras ilhas caribenhas ou nos Estados Unidos. Segundo Guazzelli:

*O primeiro duro golpe sentido pelo imperialismo foi a nacionalização do truste telefônico; como represália, desencadeou-se a prática clandestina de incendiar canaviais por parte da aviação norte americana. Na escalada de desavenças, o governo revolucionário confiscou as terras da poderosa United Fruits, o que novamente foi retaliado com sabotagens no próprio porto de Havana (2004, p.18).*

Outra medida representativa desta hostilidade foi, de acordo com Guazzelli, “o corte no fornecimento de petróleo pelos Estados Unidos, seguido da recusa das refinarias norte-americanas em processar petróleo soviético” (2004, p.18). Diante da suspensão da compra de cana-de-açúcar, faz com que Cuba busque outros parceiros e estabeleça relações de cooperação e comércio com nações do bloco socialista, especialmente com a União Soviética. De acordo com Guazzelli:

No início de 1961, através de seu ministro Ernesto ‘Che’ Guevara, Cuba estabeleceu contratos comerciais com a União Soviética, que se comprometeu a adquirir toda a cota de produção de açúcar cubano, oferecendo a vantagem de garantir os preços mesmo perante flutuações do mercado internacional (2004, p.18).

Após estas modificações, os Estados Unidos fazem a ruptura das relações com Cuba. O sistema revolucionário não estava totalmente consolidado, ou seja, a hostilidade entre EUA e Cuba com momentos de hostilidade e tensão. Como expõe Guazzelli:

Após alguns outros atentados e sabotagens, ocorreria uma clara tentativa de intervenção. Em abril de 1961, desembarcaram em Playa Girón, na Bahia dos Porcos, mais de mil efetivos, entre exilados cubanos e mercenários, sob instrução e com apoio aéreo norte-americano. Mais uma vez parece ter havido um equívoco do sistema de informações do Império: a intenção de abrir uma campanha militar, visando obter rápidas adesões e em pouco tempo tornar-se capaz de derrubar o governo revolucionário, teve o efeito contrário (2004, p.19).

Este plano não obteve sucesso, pois as milícias populares em três dias liquidaram com a ameaça externa.

A produção de açúcar foi importante para a economia cubana. Nos anos de 1908 e 1918 o açúcar apresentou um bom percentual nas exportações cubanas. Este período está relacionado à Primeira Guerra que provocou o aumento do consumo de açúcar. No entanto, mesmo com este crescimento a pobreza continuava.

O açúcar foi um produto muito cobiçado na América Latina Colonial. O responsável por sua chegada na América foi Cristovão Colombo em sua segunda viagem. De acordo com Galeano, “porém, em sua segunda viagem, Cristovão

Colombo trouxe as primeiras raízes de cana-de-açúcar, das ilhas Canárias, e as plantou nas terras que hoje ocupa a República Dominicana” (2002, p.71).

A Europa era a grande consumidora de açúcar e isso fez com que as terras do então Novo Mundo cultivassem enormes plantações. Assim escreve Galeano: “durante pouco menos de três séculos a partir do descobrimento da América, não houve, para o comércio da Europa, produto agrícola mais importante que o açúcar cultivado nestas terras” (2002, p.71). De acordo com Lopez, “entretanto, apesar desse crescimento, a pobreza da classe trabalhadora continuava crônica e o caráter sazonal do trabalho produzia aqueles longos períodos sem serviço conhecidos como ‘*tiempo muerto*’” (1998, p.158).

O sofrimento dos pobres, a exploração praticada pelas classes dominantes, a subordinação estrangeira constituem um conjunto de fatores que impulsionaram a luta defendida pelos revolucionários. E Martí através de palavras expõem o nacionalismo, a defesa do homem simples cubano, com seus valores ligados à natureza e aqueles referentes às relações humanas, como amizade, lealdade, bravura. Um exemplo de sua força intelectual e emocional pode ser apreciado nos versos do Cap. V, em que argumenta:

*Si ves un monte de espumas  
Es mi verso lo que ves:  
Mi verso es un monte, y es  
Un abanico de plumas.*

*Mi verso es como un puñal  
Que por el puño echa flor:  
Mi verso es un surtidor  
Que da un agua de coral.*

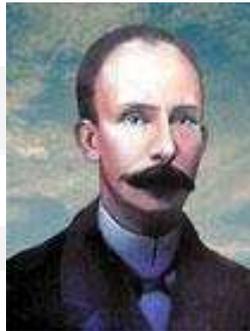
*Mi verso es de un verde claro  
Y de un ciervo herido  
Que busca en monte amparo.*

*Mi verso al valiente agrada:  
Mi verso, breve y sincero,  
Es del vigor del acero  
Con que se funde la espada (1997, p.61).*

Um revolucionário necessita de apoio e segurança para poder continuar sua luta. A escrita em muitos casos proporciona o conforto espiritual procurado, mais especificamente a poesia, com palavras que representam os mais variados

sentimentos. Percebo que Martí no decorrer das estrofes explica seus próprios versos, misturando a delicadeza das flores, com a ardência do calor, a suavidade do verde claro, com a dor, o desespero de um animal ferido. Talvez sua existência e vale ressaltar o envolvimento militante tenha sido marcada com momentos de paz e outros de angústia e sofrimento.

**FIGURA 2 – JOSÉ MARTÍ<sup>2</sup>**



O personagem principal deste texto é José Martí, representado pela Figura 2. Através desta nota-se a seriedade de alguém que lutou pelos ideais de uma nação, e que teve uma grande sensibilidade, ao ponto de escrever obras poéticas e entre elas “Versos Singelos” que é o suporte utilizado neste trabalho.

O primeiro capítulo deste trabalho apresentou ao leitor dois momentos históricos importantes envolvendo Cuba. Como também fragmentos das idéias políticas de José Martí, um pensador cubano de fundamental importância e um dos principais articuladores da segunda guerra de independência frente à metrópole espanhola e o inspirador para a Revolução de 1959, processo que teve uma dimensão nacionalista. A seguir, então, no segundo capítulo, serão exploradas algumas características do termo nacionalismo, a exposição de alguns autores que abordam o assunto e os escritos de Martí que evidenciam elementos nacionalistas.

---

<sup>2</sup> Fonte: [www.josemarti.com.br](http://www.josemarti.com.br), acessado em 01/10/09.

## 2 O PENSAMENTO NACIONALISTA DE JOSÉ MARTÍ

A Revolução Francesa influenciou a Europa com seus ideais humanistas e liberais na segunda metade do século XVIII. O nacionalismo militante era um dos aspectos que diferenciava a Revolução Francesa de outras revoluções. A França passou a ser considerada um meio de renovação da humanidade. Nos países que ofereciam conceitos tradicionais de liberdade, que controlavam o poder, a revolução fortaleceu a democracia; em outros, despertou um nacionalismo militante. A revolução irá se estabelecer novamente na França no ano de 1848. Neste período, os acontecimentos atingem toda a Europa central, que terá contato com os ideais de 1789, ou seja, com o liberalismo e o nacionalismo. Tais conceitos também estiveram presentes nos momentos de busca de emancipação política por parte Cuba e serviram de base para José Martí na sua idealização da natureza do ser humano cubano. Diante disso, torna-se relevante esclarecer o conjunto de idéias legado pela Europa (Estado, Nação, Nacionalismo) e, em seguida, compreender a percepção do poeta sobre estas tendências, algo reunido sob o termo “homem natural”.

### 2.1. Estado, Nação e Nacionalismo

A expansão do nacionalismo é explicada por Kohn da seguinte forma: “no período entre as guerras napoleônicas e 1848, o nacionalismo conseguiu, lentamente, dominar o espírito público das classes cultas na Alemanha e na Itália, e dos outros povos da Europa Central” (p. 21).

A maioria dos liberais no continente europeu se tornou nacionalista ao invés de liberal em 1830. O nacionalismo influenciou muitas nações para a conquista de suas independências. A idéia de liberdade proporcionada pela teoria nacionalista pode ser percebida nas palavras de Kohn, quando escreve:

Em seu início, o nacionalismo arrebenta os grilhões da tradição (o que JEFFERSON chamava de 'superstição monástica'), ou de uma ordem social obsoleta e limitadora, e enche os corações de seus adeptos de um sentimento de dignidade humana, de orgulho e satisfação em participar da história, de administrar seus próprios assuntos. Tal sentimento de libertação foi característico do início do nacionalismo, na Europa do século XIX, tal como hoje na Ásia e África (p.24).

José Martí em sua luta pela independência de Cuba tentou elaborar um projeto nacional baseado na questão da soberania e do anti-imperialismo. Defendia a valorização da cultura latino-americana com sua peculiaridade, não devendo esta ser associada aos valores da Europa. A educação para Martí seria um caminho para uma constante construção da nacionalidade, pois, além de contemplar as grandes mudanças na sociedade, abordaria os aspectos culturais e históricos de uma América mestiça. A idéia de libertação proporcionada ao povo de uma pátria é representada por Martí da seguinte maneira: “um povo de homens educados será sempre um povo de homens livres. A educação é o único meio de salvar-se da escravidão. Tão repugnante é um povo que é escravo de homens de outro povo, como escravos de homens de seu próprio povo” (Martí apud Streck, 2007, p.48).

Uma vez que os escritos de Martí demonstram um caráter nacionalista marcante, parece adequado salientar o significado da palavra “nação”. Um ponto de partida é lembrar a chamada era das revoluções (americana de 1776 e francesa de 1789), em que a concepção de nação se relaciona ao conjunto de cidadãos, cuja soberania os constituía como um Estado que se expressa politicamente. A relação entre Nação – Estado – Povo fez a nação remeter-se ao território. A partir de então, a definição dos Estados passou a ser territorial.

Os conceitos de Estado, Nação e Nacionalismo são esclarecidos por Guibernau, que propõe o seguinte:

Por 'estado', tomando a definição de Weber, refiro-me a 'uma comunidade humana que exige (com sucesso) o monopólio do uso legítimo da força física

dentro de um dado território', embora nem todos os estados tenham realizado isso com sucesso, e alguns deles nem tenham pretendido realizá-lo (1997, p.56).

Por Nação, prossegue o autor: “refiro-me a um grupo humano consciente de formar uma comunidade e de partilhar uma cultura comum, ligado a um território claramente demarcado, tendo um passado e um projeto comuns e a exigência do direito de se governar” (1997, p.56). A partir de tais definições, é possível lembrar Martí, quando este defende um americanismo sadio, ou seja, a crença de que a América possuía um sentido maior e que a condição de dependência em relação à Europa provocava uma concepção superficial de república. Entre as idéias defendidas por Martí em seus escritos, estão o livre arbítrio de cada povo da América e o seu poder de decisão política e social, sem prejudicar a liberdade de nenhum outro povo.

### FIGURA 3 - PRESENTE GANHO POR MARTÍ NA VENEZUELA.



Llave regalada a José Martí por el colegio Santa María de Caracas durante su estancia en Venezuela.<sup>3</sup>

Com isso, pode-se salientar o que Guibernau escreve sobre Nacionalismo: “Por ‘nacionalismo’, refiro-me ao sentimento de pertencer a uma comunidade cujos membros se identificam com um conjunto de símbolos, crenças e estilos de vida, e têm a vontade de decidir sobre seu destino político comum” (1997, p.56). Ao expor a teoria nacionalista no transcorrer do texto, e refletindo sobre ela, é possível fazer uso novamente das palavras de Martí e perceber que estas representam um sentimento

<sup>3</sup> Fonte: [www.josemarti.cu/visitas/casa/PhotoViewer.html](http://www.josemarti.cu/visitas/casa/PhotoViewer.html), acessado em 23/11/09.

nacionalista extremo. No poema chamado “Abdala”, citado por Lopez (1998), o poeta declara:

*El amor, madre, a la pátria  
No es el amor ridículo a la tierra,  
Ni a la yerba que pisan nuestras plantas;  
Es el ódio invencible a quien la oprime,  
Es el rencor eterno a quien la ataca (1998, p.6).*

Para a criação de uma consciência nacional, aspecto este de fundamental importância para a consolidação de uma nação, é preciso, segundo Guibernau, um Estado com um programa que valorize a educação. Esta idéia pode ser percebida quando argumenta que:

Do século XIX em diante, a difusão da educação foi fundamental na configuração da consciência nacional. A distinção entre o que chamei de estado ‘legítimo’, onde estado e nação são coexistentes e um estado ‘ilegítimo’ que inclui em seu território diferentes nações ou partes de outras nações, autoriza-me a examinar os diferentes papéis que a educação desempenhou em ambos os casos (1997, p.79).

O tema educação irá aparecer também em um dos textos de Martí, citado por Streck (2007), intitulado “Educação Popular”, em que expõe o poder de transformação que a educação poderá proporcionar à uma população. Eis o que salienta Martí:

Educação popular não quer dizer exclusivamente educação da classe pobre; mas que todas as classes da nação, que é mesmo que o povo, sejam bem-educadas. Assim como não há nenhuma razão para que se eduque o rico e não o pobre, que razão há para que se eduque o pobre e não o rico? Todos são iguais (Obras Completas, vol.19, p.375-376 apud Streck, 2007, p.47).

A identidade nacional é algo presente no contexto envolvendo o nacionalismo. Para Guibernau existem alguns critérios importantes, entre eles: “continuidade no tempo e diferenciação dos outros, ambos elementos fundamentais da identidade nacional” (1997, p.83). Os indivíduos são reunidos em grupos localizados no espaço e no tempo. Estes terão contato com valores, costumes, hábitos que são transmitidos aos novos membros que recebem a cultura de uma determinada sociedade.

Um dos aspectos que contribuiu para as concepções de Martí em relação ao ideal de nação, liberdade, autonomia dos povos foi o contato com diferentes países, o conhecimento da organização social, política e cultural foram fundamentais para a

elaboração de suas obras. A (Figura 3) representa a relação de Martí com a Venezuela, onde se percebe o reconhecimento por parte do país ao poeta.

Ao longo dos diversos períodos históricos, a identificação das pessoas com suas comunidades ocorreram de diferentes maneiras, através do clã, da tribo, da cidade, do monarca; no século XVIII, a nação será a nova forma de organização grupal. E, continuando o enfoque no elemento identidade, surge então o conteúdo simbólico do nacionalismo, aspecto este levantado por Guibernau, quando destaca: “Os símbolos e rituais são fatores decisivos na criação da identidade nacional. A nação, como forma de comunidade, implica tanto a semelhança entre seus membros quanto a diferença em relação aos estranhos” (1997, p. 91).

Ao abordar a formação das comunidades, logo aparece um termo – etnicidade –, o qual é fundamental para entender a vida em grupo. Pontignat e Streiff-Fenart definem: “a etnicidade refere-se a um conjunto de atributos ou de traços tais como a língua, a religião, os costumes, o que aproxima da noção de cultura, ou à ascendência comum presumida dos membros, o que torna próxima da noção de raça” (1998, p.86).

A citação acima remete ao que Martí defendia: que os povos da América deveriam ter consciência de suas especificidades. Em seus textos inseria o pronome nossa, representado a personalidade própria e a diferenciação em relação à outra América.

Alguns autores contemporâneos, no entanto, irão considerar o caráter dinâmico da etnicidade ou como um tipo de ação social, ou como um modo de organização das relações sociais, em que o conteúdo e também seu significado podem se transformar. As pesquisas atuais sobre a etnicidade provocam discussões entre os pesquisadores. Uma das questões relaciona o termo a um fenômeno político. Sobre isso, expõe Poutignat e Streiff Fenart: “Esse aspecto do debate opõe os autores que atribuem a primazia a explicações da etnicidade em termos de relações de classe, de estatuto de poder, e aqueles para os quais é a construção simbólica da distinção cultural que fornece a base conceptual da etnicidade” (1998, p.125).

O discurso nacionalista é utilizado pelas nações que buscam desenvolver suas próprias culturas. E, ao salientar a autodeterminação dos povos, é possível apresentar a denominação de raça. Conforme Guibernau:

A raça é um modo de nomear a diferença entre os membros de uma coletividade particular e a 'outra', a 'alheia'. A raça estabelece uma fronteira entre aqueles que partilham certas características biológicas ou fisionômicas que 'podem ou não ser vistas como expressas principalmente em cultura ou estilo de vida, mas são sempre fundadas na separação de populações humanas por alguma noção de hereditariedade de traços comuns ou coletivos. A raça, como conceito, tem origem no século XIX (1997, p.95).

Para Martí um povo deveria ter orgulho de seu próprio passado e buscar suas verdadeiras raízes. Dessa maneira poderia se auto-conhecer e, a partir daí, superar as heranças de um colonialismo e o sentimento de inferioridade provocado por ele.

Em Cuba a questão nacional se fez presente nas lutas populares, ficando isolada apenas quando a ilha se insere no sistema capitalista mundial. A idéia nacionalista será retomada com o Movimento 26 de julho, através do ataque ao quartel Moncada em 1953. O projeto nacionalista cubano de José Martí envolvia todas as classes, e isso, para a época em que estava inserido, era considerado extremamente democrático. Seguindo este raciocínio é que Mergulhao escreve:

Acho que devemos perceber a obra de Martí levando em conta o seu objetivo estratégico, a independência de Cuba, no cruzamento de uma época onde a presença da fase monopolista do capitalismo e seu desdobramento, o imperialismo, já se fazem presentes, além do eixo fundamental do mundo já estar sendo ocupado pelo conflito entre capital e trabalho (Mergulhao apud [www.lainsignia.org/2001/enero/cul\\_064.htm](http://www.lainsignia.org/2001/enero/cul_064.htm), acessado em 01/10/09).

O nacionalismo no mundo ocidental, no período referente ao século XVIII, representou um movimento de emancipação baseado na tolerância e no liberalismo. No entanto, após 1848, a política do liberalismo foi esquecida no continente europeu. Os povos, na tentativa de auto-afirmação nacional, colocavam em prática um nacionalismo exagerado, em que países entravam em conflito com outros.

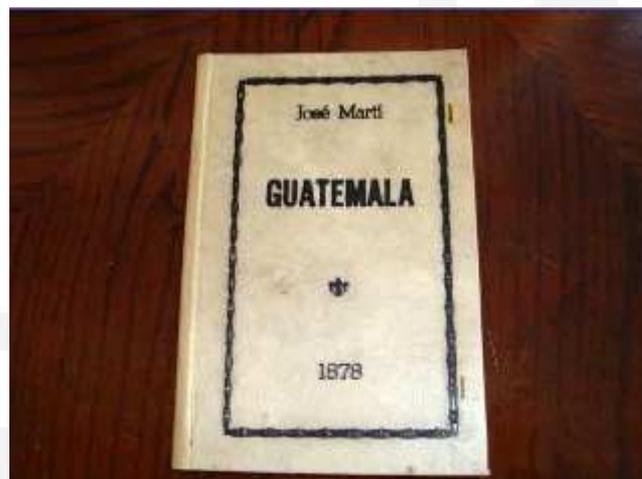
A nação também pode ser compreendida no contexto do século XIX com o conceito de liberalismo clássico, salientado por Hobsbawm:

Para compreender a 'nação' da era liberal clássica é portanto essencial ter

em mente que a ‘construção de nações’, por mais que seja central à história do século XIX, aplicava-se somente a algumas nações. E, de fato, a demanda pelo ‘princípio de nacionalidade’ também não era universal (2002, p.53 e 54).

A discussão a respeito da “questão nacional” se intensificou a partir de 1880, mais especificamente entre os socialistas, pois o apelo político dos slogans nacionais dirigidos à população votante tornava-se uma preocupação real. O momento fazia com que os governos e grupos se envolvessem em torno de teorias nacionalistas, e este envolvimento pode ser percebido através das palavras de Hobsbawm: “Era um assunto de importância não apenas para governos confrontados com vários tipos de agitação ou reivindicação nacional, mas também para os partidos políticos que procuravam eleitorados na base de chamados nacionais, não-nacionais ou alternativos à nação” (2002, p.55).

**FIGURA 4 - MONOGRAFIA DE JOSÉ MARTÍ SOBRE A GUATEMALA.**



Folleto Guatemala. Monografía de ese país centroamericano, que publica en febrero de 1878<sup>4</sup>.

Os movimentos nacionalistas em nações sem Estado queriam criar seu próprio Estado. Um elemento importante neste contexto era a conscientização nacional que geralmente iniciava com a organização de grupos de intelectuais. Ao mencionar os intelectuais, pode-se lembrar Martí, que se dedicará aos estudos, obtendo formação em Direito Civil e Canônico, além de filosofia e letras, pela universidade de Zaragoza, em 1874. A Figura 4 é um exemplo de uma das pesquisas acadêmicas realizadas por Martí sobre a Venezuela. Estes conhecimentos contribuiriam para seus ideais políticos e sua luta pela independência cubana:

<sup>4</sup>Fonte: [www.josemarti.cu/visitas/casa/PhotoViewer.html](http://www.josemarti.cu/visitas/casa/PhotoViewer.html), acessado em 23/11/09.

*Estimo a quien de un revés  
Echa por tierra a un tirano:  
Lo estimo, si es un cubano:  
Lo estimo, si aragonês (1997, p.67).*

Uma das leituras que pode ser realizada a partir da estrofe acima é que Martí tinha admiração por quem lutasse contra a tirania e a opressão praticada pelo uso abusivo do poder. Entretanto, Martí advertia que um povo terá condições de lutar pelos seus direitos se passar primeiro por um processo de conscientização.

## 2.2. O Homem Natural

O nacionalismo étnico na segunda metade do século XIX receberá maiores atenções, através da crescente migração geográfica e pela transformação da “raça” em conceito central na área das ciências sociais. Para uma melhor compreensão é importante citar Hobsbawm:

Não é surpreendente que o nacionalismo tenha conseguido espaço tão rapidamente nos anos que vão de 1870 a 1914. As mudanças tanto políticas quanto sociais eram em função dele; isso, sem mencionar uma situação internacional que fornecia abundantes desculpas para pendurar manifestos de hostilidade a estrangeiros (2002, p.132).

O autor citado considera que no período entreguerras surgiram os pensamentos mais interessantes sobre a “questão nacional”, principalmente no movimento comunista internacional.

A colonização da América pelos europeus provocou um contraponto entre civilização e barbárie. Em função disso, Martí defende o homem natural de *nuestras tierras*. A naturalidade é uma das características da literatura martiana. Em relação à isso expõe Retamar:

Y es la plena fidelidad de Martí a su historia, lo que está en la raíz de la característica esencial de sus letras; su naturalidad, su completo acuerdo con su mundo, y con la función que deben cumplir allí. Esa función explica la esencia utilitaria de la literatura más en la Cuba, en la América Latina de la época de Martí; y en apreciable medida, incluso de nuestra época (1999, p.563 e 564).

As idéias de Martí não serão importantes somente no campo político, mas também para a literatura hispanoamericana. A figura de libertador e ideólogo, juntamente com a singularidade de suas poesias, contribuiu para que o poeta fosse respeitado e admirado em seu tempo e para além dele. Eis uma estrofe em que Martí referencia a própria sinceridade. No Cap.V, apresenta:

*Mi verso al valiente agrada:  
Mi verso, breve y sincero,  
Es del vigor del acero  
Con que se funde la espada (1997, p.61).*

O projeto nacionalista de Martí precisa ser relacionado com a conjuntura política de Cuba, ou seja, o momento vivenciado pelo país fez com que as idéias revolucionárias germinassem. Segundo Fonet-Betancourt:

*Martí habría entendido que lo que exigía aquel momento histórico determinado no era otra cosa que la urgente consolidación de un amplio movimiento revolucionario de carácter nacionalista, que, uniendo los esfuerzos de todos, fuese la expresión disciplinada de la voluntad de un pueblo entero dispuesto a oponerse, en bloque, al opresor extranjero (1994, p.21).*

O momento em que o princípio de nacionalismo teve maior ênfase no século XIX foi no final da I Guerra Mundial (1914-1918), em função de dois fatores: o colapso dos grandes impérios multinacionais da Europa central e oriental e a Revolução Russa. Hobsbawm defende que: “A situação do período entreguerras, portanto, nos oferece uma excelente oportunidade de compreender as limitações e o potencial de nacionalismo e os Estados-nações” (2002, p.161).

No período entreguerras, os pensamentos interessantes a respeito da “questão nacional” surgiram no movimento comunista internacional. E uma das preocupações dos marxistas era a relação de classes dentro do amplo movimento antiimperialista para a libertação nacional e social. Nesse momento lembra-se novamente as considerações de Hobsbawm que salienta:

Uma vez que poucos movimentos ‘nacionais’ antiimperialistas do terceiro Mundo coincidiram com uma entidade política ou étnica existente antes do aparecimento do imperialismo, o desenvolvimento do nacionalismo, no sentido europeu do século XIX, ocorreu em grande parte a partir da descolonização, ou seja, principalmente desde 1945 (2002, p.181).

O terceiro Mundo também se envolveu na busca da identidade étnica e política. Martí em suas obras defende o autoconhecimento dos povos. Um exemplo disso está no artigo “As Ruínas Índias”, em que salienta:

Não haveria poema mais triste e belo do que aquele que se pode extrair da história americana. Não se pode ler sem ternura e sem ver como flores e penas pelo ar, um desses velhos livros forrados de pergaminho que falam da América dos índios, de suas cidades e de suas festas, do valor de suas artes e da graça de seus costumes (Martí, La Edad de Oro, Obras Completas, Vol.18 apud Streck, p.168).

As reflexões em torno da questão nacional tão presentes nos escritos de Martí, envolve alguns aspectos específicos que são expostos por Mergulhão Ruas desta forma:

O conceito de nação estaria relacionado fundamentalmente com aspectos étnicos e culturais, uma comunidade com laços comuns inserida em determinado território, sendo definida também a partir de determinadas condições econômicas e políticas presentes a partir da ascensão do modo de produção capitalista. Neste caso, a nação se fundamenta a partir de sua relação com o Estado, articulando Pátria, cidadania e soberania (Mergulhão Ruas apud [www.galizaciq.com/actualidade/200110/lainsignia](http://www.galizaciq.com/actualidade/200110/lainsignia) o nacionalismo na revolução cubana.htm, acessado em 23/11/09).

Martí no final do século XIX percebeu que o imperialismo iria se estabelecer no século seguinte e não estava enganado. Esta percepção pode ser explicada quando se entende que Martí vivenciou o período colonial. Eis o que escreve Altmann:

Como se vê, para Martí era fundamental erradicar os ranços coloniais e enfrentar o imperialismo em formação. Por isso, vinculou sua prática à América Latina, considerando que o papel histórico da luta de Cuba era o de defender o restante do continente do novo tipo de dominação que se avizinhava. (Altmann apud [www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1162403435.74pdf.pdf](http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1162403435.74pdf.pdf), acessado em 26/11/09).

Ao analisar as questões que envolvem o nacionalismo, é possível mencionar Marx e Engels que tem como base o materialismo histórico. Mergulhão Ruas destaca:

Embora o conceito de nação e o nacionalismo estejam relacionados com a forma de pensar o mundo da burguesia, esses autores vão acabar percebendo, e para isso as lutas políticas serão fundamentais para eles fazerem uma reflexão mais ampla sobre o tema, que há possibilidade de

discutir a nação a partir dos interesses de classe do proletariado (Mergulhão Ruas apud [www.galizacig.com/actualidade/200110/lainsignia](http://www.galizacig.com/actualidade/200110/lainsignia) o nacionalismo na revolução cubana.htm, acessado em 23/11/09).

O processo de independência em Cuba se comparado com outros países, se diferenciou pela radicalização das lutas baseadas em um sentimento de nacionalidade e soberania extremadas. A realidade dos países da América Latina de acordo com Mergulhão Ruas se constituía da seguinte forma:

Portanto, para a construção de uma interpretação acurada sobre a realidade sócio econômica dos países da América Latina, os seus conflitos de classe e possibilidades históricas de desenvolvimento, deveriam ser tomadas em conta algumas características gerais do capitalismo, e neste caso universais, com fenômenos particulares da formação econômica e social do continente (Mergulhão Ruas apud [www.galizacig.com/actualidade/200110/lainsignia](http://www.galizacig.com/actualidade/200110/lainsignia), acessado em 26/11/09).

A luta pela soberania acaba se articulando com a luta pela emancipação dos trabalhadores, assumindo uma luta direta contra o imperialismo que se manifesta nas áreas da economia, política, cultura e ideologia. A menção ao termo luta lembra o que Martí escreve em um de seus poemas:

*Con los pobres de la tierra  
Quiero yo mi suerte echar:  
El Arroyo de la sierra  
Me complace más que el mar:( Cap. III, 1997, p.51).*

As palavras do poeta podem ser articuladas com a emancipação dos trabalhadores, os pobres da terra, aqueles que sofrem com o imperialismo. Martí foi um dos maiores defensores dos homens naturais cubanos.

A luta em favor dos pobres, presente na obra de Martí, revela a admiração do poeta por Marx. “Concorda, portanto, com Marx quanto à necessidade da criação de uma nova sociedade e de um novo mundo e, para isso, chama a atenção para a urgência da explicitação teórica e do precisamento do termo socialismo” (Altmann apud [www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1162403435.74pdf.pdf](http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1162403435.74pdf.pdf), acessado em 26/11/09).

Martí pensava no socialismo, no entanto, não imaginava uma organização específica da tomada do poder político.

### FIGURA 5 - OBRA AMOR COM AMOR SE PAGA ESCRITA POR MARTÍ.



Amor con amor se paga, obra escrita por José Martí durante su estancia en México para inaugurar las temporadas del Teatro Principal, en diciembre de 1875<sup>5</sup>.

Marx irá entender a nação e o nacionalismo dentro do processo de desenvolvimento do capitalismo se baseando nas idéias liberais burguesas. A nação estaria ligada a idéia de pátria e soberania associada a uma representação política entre os variados grupos sociais que a compõem.

Martí buscou vivenciar em alguns países a idéia de nação, se aproximando com a realidade, analisando a situação da população e também contribuindo com seus escritos em jornais, revistas, livros. Na Figura 5 tem-se a passagem de Martí pelo México, onde escreve a obra “Amor com o amor se paga”. Se percebe que em cada país que esteve deixou e levou elementos importantes para sua obra intelectual.

José Martí impressiona pela particularidade de seu pensamento, principalmente com a capacidade de percepção do papel do colonialismo e da urgência do imperialismo no final do século XIX, fazendo com que articule as idéias nacionalistas revolucionárias. Um dos aspectos percebidos na concepção nacionalista de Martí é a referência ao “homem natural”. Mas quem é este homem? É aquele que valoriza a sua terra, a sua pátria, com valores que lhes são próprios, que acredita na força de sua raça, que tem orgulho da América tão subordinada aos europeus, que reconhece os elementos verdadeiros de seu país, e entre eles está a

<sup>5</sup> Fonte: [www.josemarti.cu/visitas/casa/PhotoViewer.html](http://www.josemarti.cu/visitas/casa/PhotoViewer.html), acessado em 23/11/09.

forma de governo que há de nascer do país. Neste momento os conceitos de Estado, Nação e Nacionalismo expostos anteriormente se aproximam do que Martí propunha, ou seja, que um governo precisava conhecer o seu país para governá-lo bem e livrá-lo das tiranias, que a liberdade era para todos e deveria avançar com todos. Um novo programa de educação deveria ser implantado desde a escola primária até a universidade com o objetivo de instalar o saber científico.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais desta pesquisa, convém lembrar suas propostas básicas. Problematizou-se, aqui, a noção de nacionalismo de José Martí a partir da análise de suas poesias. Elaborou-se como hipótese a idéia de que, para o autor, o “homem natural” seria a expressão maior de sua concepção nacionalista. Diversos ideais relacionados a este tema foram expressados por Martí em seus escritos, especialmente na conjuntura do final do século XIX. Tendo em vista tais circunstâncias e publicações, foram elaborados dois capítulos.

O primeiro capítulo abordou dois contextos históricos, entre eles o processo de independência de Cuba em relação à Espanha, no final do século XIX, e a ruptura de Cuba com os Estados Unidos no século XX. O objetivo foi relacionar as idéias nacionalistas de Martí com os acontecimentos que marcaram a história de Cuba e da América Latina. A abordagem destes fatos contribuiu para a compreensão da concepção de “homem natural” através da contextualização de temas como a escravidão e a colonização. Foi possível relacionar os elementos liberdade, opressão, luta e valorização da cultura latino-americana com o pensamento de Martí.

O segundo capítulo, por sua vez, evidenciou os conceitos de Nacionalismo, Estado e Nação. A proposta foi entender o surgimento e a constituição destes conceitos e buscar aproximá-los com os escritos de Martí. Tais esclarecimentos foram fundamentais para o entendimento das concepções nacionalistas do poeta, que as defendeu intensamente.

A obra de José Martí, mesmo após a sua morte, continua atual, revelando a genialidade de um pensador que soube articular idéias nacionalistas revolucionárias que foram e continuam sendo exploradas pelos movimentos sociais da América. A constante defesa de Martí em relação à liberdade dos povos, a autonomia das nações, a luta contra a subordinação são aspectos que podem ser relacionados com as situações dos países da América Latina. Estes, na atualidade, procuram maneiras de superar seus problemas internos e buscam demonstrar para o resto do mundo as potencialidades e possibilidades de desenvolvimento social, político e econômico.

O contato com parte da obra de Martí fez com que se percebesse a crença do poeta na mudança das estruturas da sociedade. Porém, transpondo as idéias de Martí para a atualidade, convém assinalar que, para que haja transformações, é necessário que ocorra o envolvimento das pessoas em torno de uma causa. A conscientização seria para o poeta o ponto de partida para a transformação de uma realidade submissa.

Acredito que o maior legado de Martí para a humanidade se refere à luta pela liberdade.

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Werner. **O Pensamento Político e Religioso de José Martí**. Disponível em: <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1162403435.74pdf.pdf>, acessado em 26/11/09.
- AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. Coleção Revoluções do século XX. São Paulo. Ed: UNESP, 2004.
- BETANCOURT, Fonet Betancourt. **Aproximaciones a José Martí**, 1994. Disponível em [www.daneprairie.com](http://www.daneprairie.com), acessado em 01/10/09.
- BURKE, Peter (org). **A Escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- CARVALHO, Eugênio. **Percepções a respeito de nuestra America de Martí**. Disponível em: [www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro3/eugenio\\_carvalho.pdf](http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro3/eugenio_carvalho.pdf), acessado em 01/10/09.
- FIGURAS 1, 2, 3, 4, 5 Disponível em: [www.josemarti.cu/visitas/casa/PhotoViewer.html](http://www.josemarti.cu/visitas/casa/PhotoViewer.html), acessado em 23/11/09.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Ed; Paz e Terra, 2002.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **História contemporânea da América Latina: 1960-1990**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2004.
- HOBBSAWM, J. Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade**. Tradução: Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- KOHN, Hans. **A era do nacionalismo**. Rio de Janeiro: Editora: Fundo de Cultura, (S.A).

LOPEZ, Luiz Roberto. **História da América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

MARTÍ, José. **Versos singelos**. Tradução, notas e posfácio de Sidnei Belmur Schneider; prefácio de Carlos Batista Lopes. Porto Alegre: SBS, 1997.

MARTÍ, José. **Educação em Nossa América**. Textos selecionados. Organização e apresentação de Danilo R. Streck. Tradução de Marta R.A.Barrichello, Marianela P.Cot, Luís M.Sander. Ijuí. Ed:Unijuí, 2007.

MARTI, José. **Pensamientos** Disponível em: [www.cubaminrex.cu/josemarti/jmartipensam.html](http://www.cubaminrex.cu/josemarti/jmartipensam.html), acessado em 01/10/09.

MARTÍ, José. **Nuestra America**. Disponível em: [http://www.cubaminrex.cu/josemarti/jmarti\\_nuestraamerica.html](http://www.cubaminrex.cu/josemarti/jmarti_nuestraamerica.html), acessado em 01/10/09.

MARTÍ, José. **La República española ante la Revolución cubana**. Madrid, 1873. Disponível em: <http://www.asesoria-legal-ya.com>, acessado em 01/10/09.

MERGULHAO, Luis. **Martí e a questão nacional na Revolução cubana**. 2001. Disponível em: [http://www.lainsignia.org/2001/enero/cul\\_064.html](http://www.lainsignia.org/2001/enero/cul_064.html), acessado em 01/10/09.

MONTSERRAT, Guibernau. **Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX**. Rio de Janeiro, Editor: Jorge Zahar, 1997.

PONTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo. UNESP, 1998.

POMER, Leon. **As independências na América Latina**. Ed: Brasiliense, 1981.

RETAMAR, Fernández Roberto. **Naturalidad y novedad en la literatura martiana**. In: **História de la literatura hispanoamericana. Tomo II. Del neoclasicismo al modernismo**. MADRIGAL, Ínigo Luis (coordinador). Madrid, Ed: Catedra, 1999.

REZENDE, de Carvalho. **A ameaça externa e a ideologia expansionista**. Disponível em <http://www.mec.es/sgci/br/es/publicaciones/anuario/abeh06.pdf#page=24>, acessado em 01/10/09.

SCOTT, Rebeca J. **Emancipação escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1899**. Tradução Maria Lúcia Lamounier. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1991.

Texto- **Revolução Cubana**. Disponível em: [http://www.galizacig.com/actualidade/200110/lainsignia\\_o\\_nacionalismo\\_na\\_revolucao\\_cubana.html](http://www.galizacig.com/actualidade/200110/lainsignia_o_nacionalismo_na_revolucao_cubana.html), acessado em 23/11/09.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era**

**dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis. RJ: Vozes, 1995.

